

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

GRAZIELA SCALISE HORODYSKI

O ARTESANATO DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ

Dissertação de Mestrado

Balneário Camboriú

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GRAZIELA SCALISE HORODYSKI

ARTESANATO DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, da Universidade do Vale do Itajaí, sob a orientação da prof^a Dr^a Dóris van de Meene Ruschmann.

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

2006

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dóris van de Meene Ruschmann (orientadora)

Prof^a. Dr^a Luciana Paolucci

Prof. Dr. Cláudio Jorge Guimarães

*Dedico este trabalho aos
meus pais, Cristina e Konstanty.*

Saudade de
Adelaide Kotecki (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Quero deixar aqui registrado o nome de todas as pessoas que, gentilmente, contribuíram com a realização deste trabalho, seja na realização da pesquisa, seja no apoio e incentivo: (em ordem alfabética).

Adelar Mayer Filho, Andressa Watanabe, Bibyana Bueno Paranhos, Charles Friedrich Junior, Cláudio Jorge Guimarães, Diogo Lüders Fernandes, Doris van de Meene Ruschmann, Fabiola Kotecki, Geci Batista Cosme da Cruz, Gracia Maria Vassão, Hélio Fernandes Junior, Idever Terezinha Lacerda, Judith Carneiro Mello, Kassima Karinna Gigliolla Almeida Rocha, Konstanty Horodyski, Lara Dziawloschinski, Larissa Piccoli, Lea Maria Cardoso Villela, Lucas Iczy, Luciana Paolucci, Luiz Fernando de Souza, Márcia Maria Dropa, Márcia Krebs, Marcos Roberto Vianna, Maria Augusta Pereira Jorge, Maria Cassiana Borin, Maria de Cássia Ferreira Scalise, Maria Cecília Scalise Zeituni, Maria Cristina Scalise Horodyski, Maria Ruth Scalise Taques Fonseca, Maria Sandra Bueno, Miguel Angel Verdine, Mounir Zeituni, Nadia Terumi Joboji, Rodrigo Debiasi, Rodrigo Horodyski, Sandré Dalzoto, Thianne Durand Mussoi, Roselys Izabel Correa dos Santos (*in memoriam*), Valdir Brecher, Vinicius Horodyski, Zilo Aiçar de Suss, e todos os artesãos que tive o imenso prazer em conhecer.

Agradeço de coração. Um abraço a todos!

*Quem não tiver debaixo dos pés da alma, a areia de sua terra,
não resiste aos atritos da sua viagem na vida,
acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos.*

(Luiz da Câmara Cascudo)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	ix
LISTA DE GRÁFICOS.....	x
LISTA DE FIGURAS.....	xi
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	01
1. CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1. Turismo.....	12
1.2. Cultura.....	19
1.3. Folclore.....	22
1.4. Artesanato.....	28
2. CAPÍTULO 2: CAMPOS GERAIS.....	39
2.1 Artesanato dos Campos Gerais.....	53
3. CAPÍTULO 3: O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO.....	55
3.1 Universo da Pesquisa.....	55
3.2 Amostra.....	55
3.3 Metodologia.....	57
4. CAPÍTULO 4: RESULTADOS.....	60
4.1 Discussão dos Resultados.....	74
4.1.1 Artesanato.....	74
4.1.2 Artes Plásticas.....	84
4.1.3 Arte Folclórica.....	85
4.1.4 Manufatura.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
6. REFERÊNCIAS.....	90
7. APÊNDICES.....	93

APÊNDICE A: Modelo de Entrevista - 1ª Etapa da Pesquisa.....	94
APÊNDICE B: Tabulação dos Dados Obtidos na 1ª Etapa.....	96
APÊNDICE C: Legendas utilizadas para os municípios.....	98
APÊNDICE D: Legendas utilizadas para as perguntas.....	99
APÊNDICE E: Roteiro de Entrevista – 2ª Etapa da Pesquisa.....	100
APÊNDICE F: Transcrição das Entrevistas: Ortigueira-PR.....	101
APÊNDICE G: Transcrição das Entrevistas: Castro-PR.....	108
8. ANEXOS.....	112
ANEXO A: Material de Divulgação - AMCG.....	113
ANEXO B: Localização de Terras Kaigangues.....	114

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Relação de Entrevistas por Município.....	56
TABELA 02: Grupo de Variáveis Correspondentes ao Artesanato.....	62
TABELA 03: Grupo de Variáveis Correspondentes às Artes Plásticas.....	63
TABELA 04: Grupo de Variáveis Correspondentes à Arte Folclórica.....	65
TABELA 05: Grupo de Variáveis Correspondentes às Manufaturas.....	66
TABELA 06: Reservas Indígenas no Paraná.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Análise das Variáveis: Artesanato.....	61
GRÁFICO 02: Análise das Variáveis: Artes Plásticas.....	63
GRÁFICO 03: Análise das Variáveis: Arte Folclórica.....	64
GRÁFICO 04: Análise das Variáveis: Manufaturas.....	66
GRÁFICO 05: Análise dos Casos: Artesanato.....	67
GRÁFICO 06: Análise dos Casos: Artes Plásticas.....	70
GRÁFICO 07: Análise dos Casos: Arte Folclórica.....	71

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa da AMCG e Rota dos Tropeiros.....	06
FIGURA 02: Ônibus do Projeto Arte Rodando.....	07
FIGURA 03: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando.....	08
FIGURA 04: Artesanato de Palha.....	29
FIGURA 05: Objeto de Arte Folclórica.....	32
FIGURA 06: Objeto de Artes Plásticas.....	33
FIGURA 07: Objeto Manufaturado.....	34
FIGURA 08: Os Campos Gerais do Paraná, Segundo MAACK.....	42
FIGURA 09: Os Campos Gerais conforme a AMCG.....	44
FIGURA 10: A Agricultura como Agente Transformador da Paisagem dos Campos Gerais.....	46
FIGURA 11: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando.....	54
FIGURA 12: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando.....	54
FIGURA 13: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR.....	68
FIGURA 14: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR.....	68
FIGURA 15: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR.....	69
FIGURA 16: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR.....	69
FIGURA 17: Artesanato identificado em Castro-PR.....	69
FIGURA 18: Artesanato identificado em Castro-PR.....	69
FIGURA 19: Comunidades de artesãos identificadas na região dos Campos Gerais.....	73
FIGURA 20: Reserva Indígena de Queimadas.....	75
FIGURA 21: Taquara Secando Sob o Sol.....	77
FIGURA 22: Artesanato na Varanda – Reserva Indígena de Queimadas.....	78
FIGURA 23: Artesã Trançando a Palha – Reserva Indígena de Queimadas.....	79
FIGURA 24: Menino com Chocalho – Reserva Indígena de Queimadas.....	79
FIGURA 26: Artesanato Identificado no Distrito do Socavão.....	82
FIGURA 27: Cestos de Palha – Distrito do Socavão.....	83

FIGURA 28: Tela a Óleo de Artista Plástico de Ponta Grossa.....	84
FIGURA 29: <i>Pêssankas</i> produzidas em Ivaí-PR.....	85
FIGURA 30: Enfeites de Biscuit produzidos em Piraí do Sul-PR.....	86

RESUMO

O presente estudo tem como objeto o artesanato, um bem material e imaterial, por consistir na expressão do saber-fazer popular da região dos Campos Gerais do Paraná. Esta região possui destacado potencial turístico devido ao seu patrimônio natural e cultural e, a AMCG – Associação dos Municípios dos Campos Gerais em parceria com outros organismos, públicos e privados, ligados ao turismo, está planejando seu desenvolvimento turístico. Verifica-se no Plano de Desenvolvimento Turístico Regional dos Campos Gerais, elaborado no ano de 2005, que o artesanato encontra-se dentre os atrativos prioritários para investimentos. Sendo o turismo uma atividade que causa diversas mudanças nas localidades onde é desenvolvido, os bens intangíveis das comunidades podem sofrer impactos, principalmente por falta de conhecimento aprofundado sobre as suas dinâmicas. A busca pela preservação do artesanato desta região exige antes de tudo, entendimento maior sobre o tema, e por isso, foi realizado um levantamento para identificação, classificação e análise dos produtos artesanais dos Campos Gerais do Paraná.

Palavras-chave: *Artesanato. Preservação. Turismo.*

ABSTRACT

Actual studies has a handicraft such target, a material and immaterial property, to consist on popular know-how expression in the Campos Gerais region at Parana. This locate has special touristic potentiality concerning to its natural and cultural heritage and, by AMCG – City Association of Campos Gerais in partnership with other public and private institution, joined with tourism, it's been planned for the tourism development. Confirm in a Plan of Development Regional Touristic of Campos Gerais, elaborate on 2005, that the handicraft encounter among prime attractive for investment. Being tourism a activity that cause several changes on places where is developed, the intangible property of community can suffer impacts, mainly for lack of deepen knowledge suffer its dynamics. Search for handicraft's conservation this region demand, first of all, more acquaintance about it, and because that, it was fulfilled a research to recognition, rating and analysis of handicraft products from Campos Gerais, Paraná.

Key-words: *Handicraft. Conservation. Tourism.*

INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno que promove diversas mudanças nas localidades onde ocorre. Assim como as mudanças econômicas e as alterações nos espaços, ele também pode modificar o modo de vida das populações envolvidas com a atividade turística.

No que se refere às mudanças mencionadas, observa-se que as mesmas podem ser de diversas naturezas, gerando efeitos benéficos e muitas vezes maléficos às comunidades, dependendo da maneira como a atividade turística é conduzida em cada ambiente. A preservação do modo de vida das populações receptoras de turismo, que envolve também seus saberes, ou seja, seu patrimônio imaterial, exige um maior entendimento do assunto por parte dos gestores de turismo, devido à complexidade do tema.

O artesanato, bem como os artesãos que o produzem, vêm sendo inseridos em projetos turísticos brasileiros e apontados como uma oferta turística. No entanto, a prática do artesanato consiste numa atividade tradicional, que reflete o modo de vida da comunidade que o confecciona, já que consiste em produtos utilitários, necessários para o trabalho diário dos indivíduos (CASCUDO, 2001). O saber-fazer do artesanato é um bem imaterial que é preservado quando é praticado e transmitido às novas gerações.

Porém, não são todos os produtos considerados artesanais que possuem tais características, podendo ser classificados como produtos manufaturados, distantes das tradições locais, conforme citado anteriormente. Estas diferenças não devem ser vistas como forma de depreciar determinados tipos de trabalhos manuais, e sim, como uma preocupação voltada para a valorização dos saberes tradicionais de cada localidade, levando em consideração que o turismo está diretamente relacionado ao ser humano e sua cultura.

O artesanato está presente nos mais variados discursos sobre o turismo e sua produção é constantemente incentivada como um produto que agrega valor às destinações

turísticas. A análise de planos de turismo, de uma forma geral, leva à constatação de que, em formulários de oferta turística, bem como em outros instrumentos para o planejamento, o produto “artesanato” encontra-se como um dos itens de destaque quando a abordagem é a cultura local.

No entanto, sabe-se que há pouco conhecimento sobre esta manifestação cultural por parte dos gestores do turismo e, por isso, muitas vezes os projetos direcionados ao setor turístico são centrados em questões econômicas e pouco aprofundados nos aspectos ligados as dinâmicas culturais do artesanato.

Assim, pode-se supor que os efeitos negativos da atividade turística sobre o artesanato, como a desmotivação por produzi-lo ao ser ofertado de forma inapropriada, competindo economicamente com produtos manufaturados, ou até mesmo industrializados, podem acontecer devido à falta de conhecimento aprofundado sobre o tema e à inexistência de métodos que contribuam para a preservação dos mesmos, durante o processo do planejamento turístico.

Nota-se que a oferta de artesanato destacada no inventário das localidades turísticas, salvo algumas exceções é, na verdade, um conjunto de variados objetos, no que tange a sua forma de produção e temática. Podem ser produzidos manualmente, com o auxílio de máquinas ou totalmente mecanizados; com temas tradicionais ou inspirados em outras localidades, dentre outras características. Cada peça possui seu valor e um objetivo ao ser produzido e, por isso, não se pretende afirmar que algumas produções são superiores a outras, mas que, nem todas são de fato, peças de artesanato.

Quando há incongruência conceitual em torno do tema por parte dos gestores do turismo e outros agentes envolvidos, diversos danos à cultura local podem ser verificados. Ao ser inserido em projetos ligados à atividade turística, é imprescindível conhecer o artesanato, compreendê-lo, interpretá-lo, levando em consideração o significado deste para a comunidade que o produz. Sem este entendimento, há

dificuldade em definir critérios para classificá-lo e diferenciá-lo de outros tipos de produção.

Conseqüentemente, artigos industrializados ou sem relação com a identidade local são, com freqüência, misturados a objetos artesanais e ofertados em espaços específicos destinados à venda destes bens, como casas do artesão, feiras populares, dentre outros.

No momento em que o turista opta por adquirir produtos pelo baixo custo (possíveis de ofertar pela produção industrial) por desejar simplesmente uma lembrança da localidade visitada, podem ocorrer diversos problemas na cultura local, tais como a desvalorização das técnicas tradicionais e a desmotivação do artesão por produzir peças artesanais. Ao deixar de produzi-las, o conhecimento de técnicas pode desaparecer, haja vista que este patrimônio imaterial é transmitido oralmente, pela prática do dia-a-dia.

Neste estudo, entende-se o patrimônio imaterial como sendo um conjunto de bens culturais intangíveis, expressos por conhecimentos, crenças, hábitos e costumes, comuns a uma determinada comunidade e transmitida oralmente a seus membros por gerações, preservando a sua identidade.

O artesanato é, antes de tudo, um bem imaterial, pois sua riqueza encontra-se no conhecimento do artesão para produzi-lo, adquirido de seus semelhantes, e cujo legado é composto de representações e significados próprios para cada comunidade onde o mesmo é manufaturado. Ao mesmo tempo, a partir do instante em que o conhecimento é materializado e a peça é produzida, o bem passa a ser tangível. Por esta razão, pode-se afirmar que o artesanato é um patrimônio cultural material e imaterial.

Esta pesquisa abrange a região dos Campos Gerais do Paraná, onde diversas ações voltadas à atividade turística são atualmente executadas, por meio do trabalho de diversos organismos envolvidos, em especial a AMCG – Associação dos Municípios dos Campos Gerais, que possui um serviço de assessoria turística aos seus associados,

além da Secretaria Estadual e Ministério do Turismo. Dentre as ações voltadas para a atividade turística na região, destaca-se o projeto Rota dos Tropeiros, que atualmente representa um dos maiores projetos regionais do Brasil, envolvendo, no momento, dezesseis municípios, conforme a AMCG, 2006.

A região possui um destacado potencial turístico devido a sua geografia, que proporciona uma grande incidência de cachoeiras, furnas, formações rochosas, com presença do pinheiro araucária (*Araucaria angustifolia*) em meio à paisagem de campo e devido a existência de diversas culturas que compõe a identidade da região, dentre as quais destaca-se índios kaingangues e guaranis, afros-descendentes, povos eslavos e árabes diversos, italianos, japoneses, holandeses, alemães, dentre outros, cada qual com suas expressões culturais ainda preservados em meio à diversidade.

Embora exista diversidade cultural entre as comunidades habitantes dos Campos Gerais, nota-se que entre os municípios integrantes a esta região existe um aspecto que os une em uma identidade própria que é a cultura tropeira, surgida durante o Tropeirismo, ciclo econômico responsável pelo surgimento das cidades que inicialmente eram pousos das tropas de gado e muares que saíam de Viamão -RS rumo a Sorocaba - SP e por esta região paravam para descansar e engordar os animais, a chamada invernada.

O projeto Rota dos Tropeiros, portanto, tem por objetivo reunir municípios da região dos Campos Gerais com potencial turístico e origem histórica baseada no Ciclo do Tropeirismo. Desta forma, a região adquire uma imagem turística, e maximiza seus esforços de marketing e investimentos em infra-estrutura, cabendo a cada município integrante desenvolver os aspectos diferenciais de sua oferta, conforme orienta a assessoria da AMCG.

Alguns municípios possuem maior riqueza arquitetônica, outros se destacam pela religiosidade, dentre outros aspectos, mas por vivência da autora, pode-se afirmar que

grande parte dos municípios da rota consideram o artesanato local um produto com potencial turístico.

A AMCG é composta por dezoito municípios, mas somente doze destes participam do projeto da rota, somados a outros quatro municípios vizinhos não associados. Os outros municípios restantes, porém, também demonstram, mesmo que de forma isolada, interesse pela divulgação e comercialização dos seus artesanatos. (ver figura 01, p.06)

Pode-se destacar, pela experiência profissional da autora na própria AMCG, que os trabalhos envolvendo o artesanato regional sempre estiveram ligados às ações voltadas ao turismo. No ano de 2003, sob a direção do então prefeito¹ do município de Ivaí, Sr. Jorge Sloboda, o artesanato passou a receber investimentos diretos.

Foi adquirido, neste mesmo ano pela AMCG, um ônibus que foi reformado e adaptado para armazenar, apresentar e comercializar artesanato em eventos da região. O nome do projeto era Arte Rodando e foi recebido com entusiasmo por artesãos da região. Foram realizadas diversas reuniões no município de Ponta Grossa (onde se localiza a sede da associação) e a partir desses encontros, foi proposto que se realizasse um catálogo dos produtos locais, a fim de serem promovidos, facilitando a comunicação com o público consumidor.

A partir do envolvimento com os artesãos, foi possível constatar uma grande variedade de artigos produzidos na região, desde roupas de tricô, bordados, pinturas em tela ou em cascas de árvore, objetos de resina e materiais variados, biscoitos, doces em compotas, bijuterias, cestos de palha e uma série de outros produtos das mais variadas formas, temas, matérias primas e origens.

¹ A direção da AMCG cabe a um prefeito de qualquer município associado, eleito pelos demais, a cada dois anos.

(MAPA DA AMCG E ROTA DOS TROPEIROS)

Foi neste momento que se apresentou a necessidade de estudos sobre o artesanato, pois não havia um critério para diferenciar e classificar, por exemplo, figuras representativas de bruxas e fadas, moldadas em massa colorida, e cestos de palha indígenas.

Diante disso, constata-se que a partir da atividade prática da autora deste trabalho, surgiu o problema desta pesquisa, que conduz à seguinte indagação: De que maneiras a produção de artesanato se manifesta na região dos Campos Gerais do Paraná?

Figura 02: Ônibus do Projeto Arte Rodando



FONTE: Acervo de Nadia Terumi Joboji, 2003

FIGURA 03: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando



FONTE: Acervo de Nadia Terumi Jobogi, 2003

A busca pela resposta do problema proposto requer inicialmente um aprofundamento teórico sobre a temática do artesanato, folclore, além do turismo. Buscou-se a partir do entendimento do conceito de artesanato, aplicar uma metodologia desenvolvida neste trabalho que possibilite identificar, classificar e compreender o artesanato. A metodologia desenvolvida poderá supostamente ser utilizada como uma ferramenta no planejamento turístico deste espaço, voltado para a valorização e preservação do patrimônio imaterial regional.

No decorrer deste trabalho propõe-se uma discussão teórica sobre a conceituação de artesanato, apontando para sua importância como patrimônio cultural imaterial. O fato de muitos turistas procurarem como lembrança produtos (ditos) artesanais, sem

preocupação com a identidade do local visitado, visando somente o baixo custo de venda do mesmo, não poderá ser avaliado de forma desigual dos demais turistas compradores de peças autênticas, já que, mercadologicamente, deve-se respeitar a vontade do público consumidor. Porém, a ação de ofertar o artesanato por meio de projetos turísticos é que deve ser rigorosamente conduzida, de forma a valorizar a cultura tradicional para a preservação da mesma, o que por si só justifica a necessidade de aprofundamento teórico do tema.

O turista, consumidor potencial de artesanato, pode não possuir o conhecimento adequado para entender o valor intrínseco de um objeto. Porém, visto que o planejador em turismo intervém, direta ou indiretamente, no espaço onde existe este patrimônio, é de fundamental importância que haja um entendimento maior sobre o assunto, bem como os instrumentos para o planejamento responsável, que contribuam para a valorização e preservação do bem em questão.

Por esta razão, o presente estudo possui o objetivo de realizar o levantamento do artesanato dos Campos Gerais do Paraná, visando proporcionar uma contribuição acadêmica ao planejamento turístico em desenvolvimento nesta localidade.

Para a realização do trabalho, foi feita, inicialmente, uma pesquisa exploratória com uso de fontes primárias e secundárias que possibilitassem a construção da fundamentação teórica, dos instrumentos de pesquisa, a coleta de dados e a análise dos mesmos.

Em seguida, a pesquisa foi realizada em campo, com uso dos instrumentos elaborados para identificação dos indivíduos considerados artesãos na região. Para isso foi aplicada uma entrevista estruturada que apontasse para as características principais de cada artesão e seus produtos. Em seguida, os dados coletados foram tabulados com uso de programa estatístico da UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, denominado Statistica, que proporcionou o agrupamento de quatro categorias previamente definidas: artistas plásticos, artistas folclóricos, artesãos e produtores de artigos manufaturados.

A partir da identificação dos grupos de artesãos, como poderá ser observado nos resultados da pesquisa (capítulo 04, p.60) foi feita uma entrevista semi-estruturada para buscar informações sobre as mesmas, no que refere aos tipos de artesanato, matérias-primas, técnicas, uso das peças, bem como a origem histórica dos grupos pesquisados.

A pesquisa atingiu como resultado a identificação de comunidades de artesãos dos Campos Gerais, bem como:

- 1- Estabelecimento dos conceitos relativos à temática que envolve o artesanato e seus desdobramentos enquanto fenômeno que retrata a herança cultural;
- 2- Análise da trajetória histórica de cada artesão identificado;
- 3- Análise dos objetos de artesanato identificados;
- 4- Classificação de grupos de indivíduos produtores de artigos não identificados como artesanais, de acordo com a conceituação pré-estabelecida.

Desta forma, acredita-se que, com o cumprimento dos objetivos propostos, a pesquisa será relevante para o entendimento do tema e oportunizará alguns direcionamentos para o planejamento turístico responsável na região abordada.

O trabalho é composto por quatro capítulos, no primeiro, a fundamentação teórica é dividida em quatro momentos. Inicialmente foi desenvolvida uma discussão sobre turismo, relacionando-o à cultura. Em seguida apresentou-se o entendimento sobre cultura e o aspecto dinâmico da mesma, que se modifica com o tempo, adquirindo novas características conforme o desenvolvimento de cada população. Em seguida, tratou-se do aspecto mais tradicional da cultura, o folclore.

O folclore é a representação popular expressa pelo sentir, pensar, agir e reagir de cada povo (DELLA MÔNICA, 1999). Manifesta-se de muitas formas, podendo-se citar a dança, a culinária, a religiosidade, o artesanato. As características do dia-a-dia tornam os indivíduos participantes de um mesmo grupo e constituem sua identidade.

O artesanato, discutido no quarto item deste capítulo, é uma expressão do folclore, no momento em que representa o modo como as comunidades produzem seus objetos para auxílio do trabalho diário. Artesanato, no entendimento do folclorista Luiz da Câmara Cascudo, não é produzido para enfeitar, e sim, para ser utilizado, como peneiras, cestos, redes de pesca, dentre outros.

O capítulo dois aborda a região dos Campos Gerais do Paraná, demonstrando seus aspectos históricos e geográficos, as diversas etnias existentes neste espaço, bem como os projetos ligados ao turismo e artesanato. No capítulo três, explica-se o processo de investigação, a maneira como foi definida a amostra, bem como a metodologia utilizada e o universo da pesquisa, os Campos Gerais do Paraná. No quarto e último capítulo, serão expostos e discutidos os resultados obtidos por meio da pesquisa em questão.

CAPÍTULO 1

1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica parte primeiramente do entendimento sobre o conceito de turismo utilizado no presente trabalho, o qual tem, nos aspectos socioculturais sua base. Em seguida, faz-se necessária uma discussão sobre conceitos de cultura e folclore para, finalmente, abordar a temática desta pesquisa, o artesanato.

1.1.Turismo

Trabalhar com conceitos é trabalhar com idéias não sacralizadas e por isso suscetíveis de reformulações. O turismo, desta maneira, apresenta um campo teórico vasto, que vai desde a visão economicista, que o entende como indústria, à visão social de MOESCH (2002, p.09) que, enfatizando os aspectos culturais e sociais da atividade, conceitua-a da seguinte forma:

Turismo é uma complexa combinação de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sócio-cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

A epistemologia do turismo, de maneira geral, e, sobretudo no Brasil, se constitui muitas vezes em trabalhos que evidenciam o aspecto econômico, e informações quantitativas sobre o setor produtivo do *trade* turístico. Preocupações teóricas envolvendo o turismo e a prática social começaram a despontar recentemente.

O turismo realmente é capaz de proporcionar o aumento da arrecadação de impostos dos municípios turísticos, pelo maior número de empresas investidoras e pela maior quantidade de pessoas que consomem produtos na localidade, contribuindo, assim, para o aumento da oferta de empregos e na melhoria da qualidade de vida.

Contudo, tão importante quanto as questões econômicas destacadas, são os benefícios sócio-culturais resultantes, dentre os quais, a valorização da cultura local, o aumento da auto-estima da comunidade e a preservação de seu patrimônio cultural e natural, possíveis de ocorrer desde que haja um planejamento da atividade turística.

Quando desenvolvido de forma desordenada, o turismo pode ocasionar diversos danos no espaço onde ocorre, pois esta atividade implica em uma maior concentração de indivíduos no mesmo local, em diferenças culturais entre turistas e autóctones, na oferta de elementos culturais e naturais como produtos de consumo, dentre outros.

Estes fatores devem ser levados em consideração no planejamento turístico, para que se possa prever os possíveis impactos desta atividade, buscando minimizá-los, enquanto se visa a maximização dos benefícios que podem ser gerados. Sobre o planejamento turístico, ESTOL e ALBUQUERQUE, citados por RUSCHMANN (1997 p.84) afirmam que:

é um processo que consiste em determinar os objetivos do trabalho, ordenar os recursos materiais e humanos disponíveis, determinar os métodos e as técnicas aplicáveis, estabelecer as formas de organização e expor com precisão todas as especificações necessárias para que a conduta da pessoa ou do grupo de pessoas que atuarão na execução dos trabalhos seja racionalmente direcionada para alcançar os resultados pretendidos.

Assim, evidencia-se que o planejamento do turismo, de forma responsável, somente acontece onde há o envolvimento de toda a comunidade. Para que a condução da atividade turística alcance resultados favoráveis, deve-se considerar não somente os

responsáveis pela oferta turística, mas também os turistas, o meio natural, a população local e o Estado, que formam o espaço turístico. Esses componentes são intrinsecamente relacionados e são interdependentes.

O planejador deve compreender a dinâmica de cada um destes agentes no desenvolvimento do turismo, verificando, conforme SANTOS (1997), que o espaço deve ser analisado como um todo, e não fragmentado, verificando as inter-relações existentes entre as mesmas, o que exige deste profissional uma visão holística. Desta forma, evidencia-se a importância de se compreender os elementos humanos imateriais que compõe o meio ambiente.

Por isso, o autor afirma que a análise de um determinado espaço exige pesquisas quantitativas e qualitativas (SANTOS, 1997), ou seja, para a compreensão de um determinado espaço, devem ser buscados dados mensuráveis, objetivos, representados por números e medidas, mas também por uma série de informações passíveis de interpretações diversas, nas quais se inserem dados subjetivos, tais como idéias, costumes, crenças, dentre outros aspectos de uma população inserida no meio ambiente abordado.

Neste sentido, a afirmação de Milton Santos (1997) conduz a uma reflexão sobre os modelos de planejamento turísticos existentes na atualidade. Uma das ferramentas do planejador, o inventário turístico – ou formulário da oferta turística – por exemplo, apresenta dados quantitativos sobre a destinação, mesmo nos tópicos ligados à cultura.

O entendimento sobre a dinâmica cultural de uma determinada localidade a ser planejada para o turismo exige um aprofundamento maior do que se pratica atualmente. No caso do artesanato, que abrange fatores materiais e imateriais e está intrinsecamente ligado ao conceito de folclore, um fenômeno pouco claro entre muitos profissionais da área, os danos podem ser irreversíveis à cultura local.

Por isso, ações para a valorização do artesanato e a preservação deste saber-fazer devem estar destacadas no planejamento turístico, quando se busca um desenvolvimento responsável do turismo. Porém, ainda hoje, os métodos voltados para este fim são escassos. A condução deste significativo item do produto turístico exige um aprofundamento metodológico maior e um entendimento mais criterioso por parte dos planejadores que atuam nesta área.

Como o artesanato constitui-se no objeto de estudo desta pesquisa, bem como seus desdobramentos, será necessário conhecer os diversos conceitos e definições sobre a temática, que varia consideravelmente conforme a origem acadêmica e os interesses das instituições que a estudam.

Observa-se que o interesse pela pesquisa dos saberes-populares e suas inter-relações com o turismo, bem como os impactos causados por esta atividade no meio ambiente cultural, é relativamente recente, e identificam-se diversos pesquisadores que abordam a temática, tais como BARRETO (2001), DELLA MONICA (1999), GASTAL (2003), PELEGRINI (1993), PINHO (2002), RUSCHMANN (1999), dentre outros.

No entanto, a compreensão das relações entre o turismo e o universo cultural não é simples, sendo muitas vezes divergente. Por isso, primeiramente faz-se necessário uma revisão bibliográfica acerca do tema cultura, para o entendimento do saber-fazer artesanal como uma manifestação folclórica e parte do patrimônio cultural imaterial de cada comunidade, tema este que será desenvolvido posteriormente.

Quando se aborda o aspecto cultural inserido no desenvolvimento turístico, pode-se afirmar que alguns efeitos negativos podem ocorrer ao mesmo. Dentre os malefícios que podem ser gerados pela atividade turística, quando ocorre de forma desordenada e sem planejamento, RUSCHMANN (1999, p.54) alerta quanto ao comportamento observado em turistas de um modo geral, os quais chama de “arrogância cultural”, conforme a afirmação:

O folclore e outras manifestações culturais dos povos visitados são geralmente apresentados aos turistas em salões especiais, com ar condicionado e poltronas confortáveis. Isso é feito para evitar o contato direto do turista com os nativos, transformando-os em verdadeiros objetos de observação (...) Para os nativos, essas apresentações representam uma arrogância cultural, uma vez que suas tradições e seus costumes interessam aos turistas, porém são mantidos afastados, distantes e protegidos do contato direto, pessoal.

No exemplo apresentado por RUSCHMANN, pode-se afirmar que o contato entre turistas e a comunidade local é quase inexistente. Aí, também, se destaca nitidamente a sobreposição sócio-cultural dos turistas para com a comunidade local.

Para PELLEGRINI (1993, p.126), a partir do momento em que os participantes de uma festa percebem o interesse de estudiosos, turistas ou jornalistas, são induzidos a se apresentar e não mais a participar (que é o verdadeiro sentido da manifestação folclórica). Daí então, verifica-se a “apropriação das manifestações populares por parte da cultura erudita e da cultura de massa”. Conforme o posicionamento do autor, este tipo de relação não é benéfica para a localidade e para a sua população, pois pode causar a dependência por esta atividade, deturpando o real significado das manifestações folclóricas que, antes faziam parte da vivência particular de um povo, e passaram a se expor por questões financeiras.

A arrogância cultural, apontada por RUSCHMANN estende-se por outros aspectos, de grande influência por parte do turismo (1999, p.54):

O mesmo problema pode ser observado na decoração interna de hotéis e restaurantes, que, para agradar turistas, utilizam objetos de arte e do artesanato locais para tornar os ambientes mais exóticos, utilizando muitas vezes figuras e desenhos de rituais sagrados para os nativos, banalizando suas crenças.

O turismo, quando não é planejado, tendo em vista o respeito pela comunidade local, pode muitas vezes agredir a cultura. A mesma situação ocorre com os costumes comerciais, que, variam em cada local, mas que muitas vezes não são respeitados pelos turistas. BURNS (2002) verifica que os turistas ocidentais e do “norte” (hemisfério) são aqueles que se apresentam em maior número pelo globo.

Eles carregam consigo sua cultura, que acaba sendo cobrada da população anfitriã da seguinte forma: padrão em serviços, rapidez e qualidade; atribuir valor monetário a tudo, porque “tudo tem seu preço”. Desta forma, os países ditos subdesenvolvidos se vêem obrigados a atender as solicitações implícitas sobre as necessidades de existir um *shopping*, por exemplo, aos padrões norte-americanos. A autenticidade do local, tão apreciada por muitos, pode deixar de existir neste tipo comum de situação.

Tais problemas podem ocorrer, principalmente, por falta de planejamento, mas também pela falta de interesse dos turistas pelo respeito à cultura da localidade visitada por eles. Apesar disso, RUSCHMANN (1999, p. 50) afirma que “é impossível desconsiderar a cultura como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas”. Neste caso, entendemos a necessidade de educação patrimonial, no âmbito fundamental, médio e superior das escolas, assunto este que também merece a atenção dos pesquisadores da área.

Dentre as manifestações folclóricas que mais sofrem com a ação impactante do turismo está o artesanato, pois de acordo com CASASOLA (2003):

Os campos do artesanato e das artes populares são os que têm maior repercussão na atividade turística. Verificamos que o consumo de artesanato – ou o que os turistas entendem ser artesanato – é uma situação muitas vezes imposta pelos organismos públicos ou associações, sem o devido cuidado com a autenticidade dos mesmos. Organizam-se feiras de artesanato, “casas de artesãos”, espaços destinados ao consumo de produtos de todo tipo, desde trabalhos manuais, bijuterias de estilos diversos, sem comprometimento com a cultura local, produtos industrializados, importados, artesanato de outras localidades, “produtos típicos” com o nome de *souvenir*, etc.

Por isso, acredita-se como evidente, a importância do aprofundamento no assunto, para assim, elaborar a proposta de metodologia de trabalho a ser desenvolvida no planejamento turístico. Diante disso, tem-se como necessário um estudo mais pontual sobre o artesanato e suas conceituações, sejam eles mercadológicos ou culturais, para que se possa encontrar um ponto de equilíbrio entre a preservação de elementos relativos ao saber-fazer das comunidades na produção artesanal, e o incremento do turismo.

Destaca-se que o papel do planejador em turismo, ao realizar projetos de interpretação do patrimônio, não deve restringir-se apenas a edificações históricas e objetos antigos, mas abranger os saberes do povo, isto é, seu patrimônio intangível. GASTAL (2002, p.128) ressalta que “é preciso que mesmo os monumentos – arquitetônicos ou artísticos – sejam visitados e usufruídos enquanto símbolos de um determinado momento em uma comunidade, mas que eles também continuem vivos para a comunidade onde estão”. Nota-se a visão da autora de que o patrimônio cultural intangível é objeto de extrema necessidade de valorização.

Observa-se que a maioria dos consumidores de artesanato não possui interesse pelo valor intangível agregado a este bem. Uma das formas de se constatar esta afirmação é o fato de haver um grande mercado de produtos ditos artesanais feitos em locais fora do ponto de venda, como por exemplo, as lojas de aeroporto. Verificam-se em cidades litorâneas do Sul do Brasil, objetos produzidos na região Norte, em lojas de artesanato “local”. O que prevalece, portanto, é o valor tangível.

No entanto, LIMA (2003, p.62) afirma que “o turismo interage com a cultura enquanto processo”, ou seja, as relações sócio-culturais, nas quais encontramos a preservação dos saberes, dentre estes, os artesanais, “e enquanto produto”, dentre tantos, o resultado do saber-fazer artesanal: o artesanato em si. Este entendimento pode não estar presente no comportamento do turista, mas, sem dúvida, deve existir entre os planejadores de espaço turístico.

Esta discussão é cabível quando se abordam os Campos Gerais do Paraná, onde o desenvolvimento de iniciativas para a divulgação e comercialização do artesanato, vinculadas ao turismo, é ressaltado pelas políticas públicas municipais. Por isso, entende-se que é esse o momento adequado para um estudo específico sobre o assunto, contribuindo-se assim, com as comunidades locais no que concerne à preservação e à divulgação de seu vasto patrimônio cultural.

Para a compreensão da importância do artesanato dos Campos Gerais, faz-se necessária uma prévia discussão sobre os conceitos de cultura e folclore, que têm no artesanato uma de suas múltiplas expressões, conforme apresentado a seguir.

1.2. Cultura

Verifica-se que a humanidade procura conhecer o mundo, encontrar explicações para os fatos que ocorrem em seu cotidiano, para o seu passado e futuro, em busca de um desenvolvimento, material ou espiritual. Estes conhecimentos são produzidos, adquiridos e muitas vezes, repassados aos seus semelhantes. A estes saberes, técnicas, crenças e hábitos de um povo, pode-se chamar de cultura, termo este bastante amplo, que envolve questões educacionais, artísticas e tradições, dentre muitos outros. (SANTOS, 1994).

Cultura, para CASCUDO (1973 p.22) é o “conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração”. É a cultura que distingue a identidade de um indivíduo e possibilita identificá-lo como membro de uma sociedade. Detentor de uma série de conhecimentos, hábitos e valores adquiridos por seus semelhantes, este indivíduo reconhece outros membros de seu grupo, interage com os mesmos e com outras comunidades, transmite às gerações futuras sua cultura e preserva particularidades de seu povo.

Sendo a cultura uma característica basicamente humana, encontra-se por parte dos pesquisadores e da sociedade em geral, dificuldades para a compreensão deste conceito. CHAUI (2002, p.295) explica que cultura “é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística” resultando na grande variedade de manifestações populares que ocasionam em inter-relações sócio-culturais muitas vezes dificultadas pela diferença e divergências em diferentes esferas, gerando dificuldades de comunicação e interação dos grupos humanos, principalmente, pela intolerância, gerada pela falta de conhecimento da cultura do outro.

A compreensão do conceito de cultura é difícil, pois as abordagens são amplas e bastante complexas, das quais citam-se as naturais, históricas e antropológicas (CHAUI, 2002). A autora aponta estes campos de estudo como alguns dos focos para o entendimento desta temática, mas é importante ressaltar que a cultura não pode ser interpretada unilateralmente. “Cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros” (SANTOS, 1994, p.44-45). A compreensão desta discussão exige, portanto, uma visão holística, partindo-se do princípio de que o ser humano é a própria cultura.

Tendo em vista que a cultura é intrinsecamente ligada à existência humana, é fundamental salientar a necessidade de compreendê-la por meio de sua diversidade, expressa em cada comunidade de forma única, dado as peculiaridades de cada povo. “Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando consideramos as culturas particulares que existem ou existiram, logo constatamos a sua grande variação” (SANTOS, 1994). Conclui-se que o estudo da cultura exige do pesquisador antes de tudo, respeito pelas diferenças e valorização desta diversidade. Igualmente fundamental é a noção do aspecto dinâmico da cultura.

No processo de sua evolução, a humanidade aperfeiçoa seus conhecimentos para que se possibilite o entendimento cada vez maior sobre a natureza, sobre o comportamento

das pessoas, de forma a compreender a sua realidade. Por esta razão, vê-se, por exemplo, que o homem contemporâneo não tem a mesma visão de mundo que seus semelhantes do século XVIII. A cultura acompanha essa evolução do ser humano, ou seja, é dinâmica e muda com o passar do tempo (BURNS, 2002).

Desta maneira, entende-se que não se pode analisar a cultura como um elemento estático. Preservar a cultura não significa mantê-la congelada. Por ser um “produto coletivo da vida humana” (SANTOS, 1994, p.47), esta possui mobilidade, vida. Por isso, o autor afirma: “Nada que do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” Sendo assim, ressalta-se a necessidade de entendimento deste assunto com profundidade antes de se planejar o espaço de uma comunidade para a atividade turística, na qual a sua cultura é com freqüência tida somente como um produto a ser comercializado.

Diante disso, ressalta-se a importância que haja, por parte dos profissionais do setor turístico, o entendimento de que cada cultura possui grande valor para a humanidade, pois é única. Neste sentido, CASCUDO (1973 p.23) complementa que:

A cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo do material herdado e acrescido pelas exportações inventivas de cada geração. Mas este patrimônio não abrange a totalidade das outras culturas possuidoras dos mesmos elementos constitutivos.

A partir da afirmação do autor, conclui-se que toda cultura deve ser respeitada e valorizada. Se cada comunidade, no seu processo de convivência mútua, cria normas, padrões, comportamentos que passam a fazer parte de suas tradições, inserido em um processo dinâmico, também se verifica que a partir do momento em que se respeita e convive harmonicamente com a cultura da própria comunidade, aprende-se a aceitar a cultura do outro.

Discutir cultura, muitas vezes, é falar de valores, e o valor dado a cada cultura dependerá do grau de aceitação dos valores que são inerentes a cada povo. Não cabem, portanto, julgamentos do que é certo ou errado, mas daquilo que satisfaz ou não cada pessoa ou membro de uma comunidade. Cada qual, ao construir seu cotidiano, elabora seu patrimônio cultural e sua valorização passa necessariamente pelo respeito das diferenças.

Sendo assim, destaca-se que o patrimônio cultural de cada comunidade é amplo no sentido material e imaterial. O folclore é uma destas vertentes, sendo necessária a compreensão e a abrangência objetiva e subjetiva do termo exposto, conforme se vê a seguir.

1.3. Folclore

Em 1846, o inglês William John Thoms criou o termo folclore, sendo *folk*, povo e *lore*, saber. Refere-se aos aspectos da cultura cujos princípios estão fundamentados na tradição, no anonimato e na identificação das diferentes manifestações populares com a localidade onde ocorrem.

Por manifestações culturais, BRANDÃO (1985 p.32-33) entende serem “coisas da natureza transformadas pelo trabalho do homem sobre ela e significadas através do trabalho que o homem faz de si mesmo”. Ou seja, são ações mais amplas da realidade humana e neste sentido, sabe-se que existem múltiplas características resultantes da ação do homem. No entanto, não são todas as manifestações da cultura que podem ser consideradas folclóricas. Embora haja grande produção científica sobre folclore, este projeto será baseado no trabalho de Luiz da Câmara Cascudo, cujo resultado de pesquisa científica é fundamental para se estabelecer uma clara distinção a respeito das terminologias expostas e as que virão ao longo do trabalho.

CASCUDO (1973) afirma que o folclore, como uma vertente da cultura, está relacionado aos costumes do povo, e tem como aspecto principal à indiferença aos fatores tempo e individualidade. Para melhor compreensão de seu conceito, foi necessário aprofundar-se em seus estudos sobre literatura popular, nos quais é possível, compreender seu conceito de folclore. Neste trabalho faz-se a seguinte afirmação: “A literatura folclórica é totalmente popular, mas nem toda produção popular é folclórica” e prossegue: “afasta-a do folclore a contemporaneidade” (1978 p.24). Conclui-se que as características que compõem o folclore são a “antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade” (1978 p.23). Diante disso, o autor conceitua o folclore como “a cultura do popular, tornada normativa pela tradição” (1978 p.24).

Não se pode considerar pequeno o universo do folclore. Partindo da realidade de que o entendimento do significado deste é restrito por parte dos gestores turísticos, as manifestações folclóricas são muitas vezes estereotipadas, relacionadas com danças “típicas” ou algum outro espetáculo direcionado à contemplação de turistas, quando, na verdade, é muito mais que um mero produto, é um elemento representante da identidade de cada povo, e por isso, seu patrimônio.

O folclore é constituído por formas de expressão popular, tangíveis e intangíveis. São aspectos da cultura de determinadas comunidades, preservadas oralmente por gerações, mesmo com transformações e adaptações, dado o seu caráter dinâmico. Estas tradições são ligadas ao meio ambiente em que estes povos estão estabelecidos e, portanto, refletem-se na localidade onde se manifestam.

Sendo o folclore um elemento integrante da vida de uma comunidade, “é divulgado pelo homem no contato diário que mantém com seus semelhantes na prática de vida social” (DELLA MÔNICA, 1999, p.21). Para a autora, constitui-se nos costumes, nas crenças, adquiridos pelo povo ao longo do tempo e possui grande importância para a identidade popular, pois, “(...) é a representação máxima da maneira de sentir, pensar, agir e reagir de nossa gente.” (1999 p.22) Por seu caráter coletivo e tradicional, permite com mais facilidade a leitura sobre o modo de vida de cada comunidade.

Como forma de exemplificar as diferenças entre quaisquer manifestações populares com as folclóricas pode-se dizer que as músicas do Estado da Bahia, no Brasil, compostas de coreografias que lhes são características e bandas freqüentemente presentes na mídia, cujo estilo é denominado *Axé Music*, poderão, um dia, tornar-se parte do folclore brasileiro, desde que a sua população aceite e se aposses de tais ritmos e danças de forma tão profunda, que num futuro distante, as próximas gerações nem saibam mais como surgiram, quais foram as dançarinas que criaram e executaram as tais coreografias, tampouco a época em que ocorria.

Se estiverem vivas na cultura do povo, presente em festas, em brincadeiras e, portanto, transmitidas no passar das gerações, poderão ser consideradas músicas e danças folclóricas. Contudo, no momento, são manifestações populares. Desta forma, constata-se que manifestações populares possuem grande valor cultural para a comunidade, mas isto não significa necessariamente que sejam folclóricas. Para isso, é preciso que estas manifestações tenham um significado maior entre a comunidade, o que exige, principalmente, tempo.

Como afirma CASCUDO (1973 p.23), “para que seja folclórico é preciso uma certa indecisão cronológica, um espaço que dificulte a fixação no tempo. Pode-se dizer a época, uma época extensa, mas não a restringindo mesmo a indicação de uma década”. Assim, uma dança, uma cantiga ou uma técnica de tingimento de palha para artesanato tornam-se folclóricos quando se tornarem parte do dia a dia do povo, como se sempre estivessem presentes em seu meio de vida.

Deve-se salientar a ausência de individualidade no fenômeno folclórico. Não diz respeito a uma pessoa, é de domínio público. “Natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torne anônima” (CASCUDO, 1973, p.23), ou seja, quando esta produção, (seja esta material ou imaterial), crenças ou hábitos, estejam tão arraigados na cultura de um povo que mesmo com o passar do tempo, continuem vivos pela prática, sem que se saiba mais de quem é a autoria destes.

Por isso, deve-se destacar que, sendo o folclore uma vertente da cultura, também não é estático. Acompanha as mudanças da sociedade; e quando é preservado, ocorreu porque naturalmente o povo o quis assim. “O folclórico decorre da memória coletiva, indistinta, contínua” (CASCUDO, 1973, p.24). Muitas das manifestações contemporâneas, como gírias, músicas, expressões, crenças etc, poderão tornar-se um dia folclóricas.

Porém, quem decidirá o destino da preservação dos mesmos é a comunidade, de acordo com a importância dada pela mesma com o passar dos anos. “O popular moderno, canção de carnaval, anedota de papagaio com intenção satírica, novo passo numa dança conhecida, tornar-se-ão folclóricos quando perderem as tonalidades da época de sua criação”, explica o autor. Em relação a outras formas de entender o folclore, BRANDÃO (1985, p.39) afirma:

O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer. Essas são regras humanas da criação e do amor: fazer de novo, refazer, inovar, recuperar, retomar o antigo e a tradição, de novo inovar, incorporar o velho no novo e transformar um com o poder de outro. “É sempre igual” dizia um dançador de jongo de São Luiz de Piratininga.” Mas é sempre diferente.

Por esta razão, entende-se que a preservação do folclore deve ser entendida a partir do termo “valorização”, pois sua continuidade se dá pelo uso, vindo do desejo da comunidade, não excluindo a possibilidade de integração de novos elementos às suas manifestações. Ou seja, o fenômeno folclórico é vivo e preservado da forma como a comunidade quiser. Entretanto, o turismo é freqüentemente apontado por muitos autores como um aliado para a busca pela valorização e preservação do mesmo.

Logo, cabe aqui citar o Decreto Lei nº. 43.178 de 05.02.1958, destacado por PELLEGRINI (2000 p. 131) apontando que: “a proteção às manifestações folclóricas

apresenta-se como assunto de extrema delicadeza. Essa proteção pode provocar o perigo de cristalizar artificialmente essas manifestações dando-lhes uma sobrevida que lhes rouba o valor funcional anterior e lhes esvazia o significado”. A delicadeza a que se refere o decreto-lei provém, principalmente, do fato destas manifestações serem saberes transmitidos oralmente, recebendo adaptações, novas interpretações, mas, principalmente, preservando características peculiares da localidade onde ocorrem, que não podem ser armazenadas, estão em contínua transmissão entre os indivíduos.

Desta forma, é aceitável a discussão por parte de diversos pesquisadores sobre a validade da utilização do turismo como instrumento de preservação do folclore, haja visto o conflito gerado à medida em que se conhece-se a fragilidade do fenômeno e se verificam as apresentações ensaiadas especialmente para turistas, que expõem a comunidade local no papel de atores de um espetáculo cujos espectadores são indivíduos, em sua maioria, pouco preocupados com a interação social, sobressaindo-se a relação de consumo de uma manifestação muitas vezes não mais espontânea na população receptora, conforme já discutido por RUSCHMANN (1999). Este é um tema que, sem dúvida, necessita de maior aprofundamento.

Assim, como se observa na contribuição de PELEGRINI e RUSCHMANN nesta discussão, é notável o crescente aumento de pesquisadores e organismos públicos e privados preocupados com o respeito à autenticidade cultural das comunidades receptoras. Por esta razão, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, possui recomendações para a proteção do folclore – ao qual se refere com a denominação de cultura tradicional. No documento intitulado Recomendação sobre a Proteção da Cultura Tradicional e Popular, adotada durante a XXV Conferência Geral de Paris, em 15 de novembro de 1989, lê-se o seguinte posicionamento desse organismo:

La conservación se refiere a la documentación relativa a las tradiciones vinculadas a la cultura tradicional y popular, y su objetivo, en caso de no utilización o de evolución de dichas tradiciones, consiste en que los investigadores y los portadores de la tradición puedan disponer de datos que les permitan comprender el proceso de modificación de la tradición. Aunque la cultura tradicional y popular viva, dado su carácter evolutivo, no siempre permite una protección directa, la cultura que fue objeto de una fijación debería ser protegida con eficacia².

Pela recomendação da UNESCO, vê-se que a proteção às manifestações folclóricas é abordada sob o enfoque da valorização das mesmas, que podem ser realizadas de diversas formas, dentre elas, por meio do turismo, desde que haja, porém, um planejamento apoiado em métodos adequados para que esta atividade efetivamente contribua para a continuidade destas práticas, oportunizando a sobrevivência das tradições populares. Porém, como já destacado, a continuidade ou não dos fatos folclóricos depende diretamente da vontade popular. Não havendo sentido para a população de que tais manifestações estejam em atividade, estas deixam de existir enquanto ações autênticas.

Como manifestações folclóricas, podemos citar danças, músicas, festas religioso-populares, linguagens, folguedos, literatura, superstições, adivinhações, contos, ditados, jogos, tipos populares, culinária, vestimentas, arte e o artesanato, o qual será abordado com maior profundidade no item 1.4. Há que se ressaltar que, independentemente de tais manifestações serem ou não folclóricas (quando não estão inseridos nos conceitos discutidos), o valor destas atividades permanece digno de respeito e valorização para a cultura local e possivelmente de interesse para os turistas.

² Tradução livre da autora: “A conservação se refere à documentação relativa às tradições vinculadas à cultura tradicional e popular, e seu objetivo, no caso da utilização ou evolução ditas tradicionais, consiste em que os pesquisadores e os donos da tradição possam disponibilizar dados que permitam compreender o processo de transformação da tradição. Mesmo que a cultura popular tradicional viva, dado seu caráter dinâmico, nem sempre uma proteção a cultura com objetivo de um congelamento poderia ser protegida com eficácia”.

1.4. Artesanato

O artesanato, objeto central deste trabalho é, conforme citado, um campo de estudos do folclore. Inúmeros conceitos foram elaborados para buscar-se o entendimento e a dimensão dessa atividade, que é de interesse de diversos campos da ciência, das artes e do setor comercial. Um último enfoque é dado principalmente pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa, que assim conceitua o artesanato:

todo trabalho manual, onde mais de 80% da peça foi fruto de transformação da matéria prima pelo próprio artesão, além disso, esse produto normalmente reflete a relação desse artesão com o meio onde vive e sua cultura.

É fundamental enfatizar que o objetivo desta instituição não é a pesquisa científica, e sim, o apoio comercial. Logo, não se pretende definir nenhum juízo de valor sobre o conceito que delinea os projetos do SEBRAE para o desenvolvimento do artesanato nacional. No entanto, este não é o conceito utilizado para a realização do presente estudo, por entender que, dada à riqueza cultural do artesanato, este requer um significado mais amplo do que a relação comercial de um produto, como apresentado por aquela Instituição.

Desta maneira, a presente pesquisa tem por base os estudos do folclorista brasileiro Luiz da Câmara Cascudo (1971, p.26) nos quais o autor afirma que artesanato é “todo objeto utilitário com características folclóricas, não importando o material utilizado”. Como exemplos, cita os potes, peneiras, balaios, remos, barcos, redes de pesca, objetos de couro, etc. São peças produzidas com uma finalidade de uso, cuja técnica acompanha gerações, podendo sofrer alterações, adaptações, substituição de matéria prima, de acordo com o interesse da comunidade que as produz.

FIGURA 04: Artesanato de Palha



FONTE: Acervo da autora, 2006.

O artesanato não é, inicialmente, produzido para ser belo, no sentido estético, decorativo. Sua beleza está contida na expressão das tradições do saber-fazer de uma comunidade, na utilização do mesmo no dia-a-dia e na característica que o remete ao local de origem. O comércio dos produtos artesanais pode modificar o artesanato, pois, o mercado consumidor exige um padrão estético que nem sempre pode ser ofertado. Sobre esta questão, CASCUDO (2000, p. 24-25) afirma:

O que caracteriza essencialmente uma cultura não é a existência de padrões equivalentes aos nossos no espaço e no tempo. (...) uma cultura serve para a sua suficiência (...) Assim, a cultura não pode ser equacionada nas regras comparativas e sim, medida e avaliada pela sua substancia interior e real.

O autor, no entanto, também concorda que o artesanato pode ser explorado comercialmente para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico da região onde

é produzido. A valorização das técnicas de produção artesanal é de grande importância para que o artesão não desista da sua tradição para copiar outra, mais comerciável. É uma questão que não pode ser excluída das preocupações dos setores público e privado, pois diz respeito a todos os indivíduos. A comercialização do artesanato tem, no turismo, o seu maior aliado, pois se sabe que produto artesanal desperta interesse dos visitantes.

Entretanto, a exploração comercial do artesanato em municípios turísticos pode acarretar uma série de deturpações em torno deste patrimônio. Nas lojas de artesanato, presentes em grande parte das destinações turísticas, pode-se verificar produtos de origens diversas, vendidos como artesanato local.

Encontram-se, também, produtos industrializados, rotulados como artesanais, os chamados “industrianatos”, destacados por RUSCHMANN, (1999), manufaturas diversas apresentadas como “artesanato típico”, obras de arte confundidas como artesanato, e assim por diante. Estes termos apresentados serão discutidos com maior profundidade, porque tais diferenças conceituais podem acarretar na descaracterização do artesanato local e na perda de estímulo para produzi-lo.

O chamado “industrianato” é caracterizado por produtos elaborados e que são vendidos como artesanato local, mas não possuem elementos para receber tal nomenclatura, seja pela produção de cunho industrial, com uso de máquinas, seja pela falta de identidade com a cultura local. São feitos em grandes quantidades e comercializados em localidades turísticas, com preços geralmente baixos e, por isso, geram uma concorrência desleal com os produtores tradicionais.

Contudo, deve-se ter cuidado com este tipo de classificação, já que os próprios artesãos, no momento em que se inserem num processo de produção comercial, também podem elaborar suas peças em maior quantidade, o que, para MARTINS (1982 p. 03) não anula o seu valor destes como patrimônio cultural:

a primeira distinção que nos ocorre deve-se fazer entre molde, que é a forma; e padrão, que significa regularidade. Com molde se produzem objetos iguais ou cópias, sem originalidade alguma. Os balaios são padronizados e os adobes são moldados. Não se deve confundir regularidade com uniformidade. Embora padronizada, cada peça feita a mão é única, não se confunde com nenhuma outra, nem da mesma espécie, ainda que tenha sido elaborada no mesmo dia e pela mesma pessoa. (...) o estilo do artesão empresta originalidade a seus objetos, como que a marca pessoal enquanto o padrão é a marca do grupo (...) O padrão revela diferenças regionais.

Sendo assim, conclui-se que o artesanato pode ser produzido em maiores quantidades sem que ele, necessariamente, seja descaracterizado. Por ser feito à mão, sempre se constitui em peças únicas, e tem o estilo do autor. Ressalta-se, porém, que prevalece o padrão, que é referente à localidade onde é produzido.

É necessário enfatizar que a compreensão das dinâmicas do artesanato, seus conceitos, bem como os seus desdobramentos são fundamentais para os planejadores e gestores da atividade turística, que devem ter o esclarecimento de tais diferenças, sendo este entendimento essencial para que se estabeleça uma política de valorização da cultura local. A contribuição para essa valorização pode partir do turismo, mas de forma racional e metodológica e não da maneira exageradamente ufanista que se tem observado nos discursos em prol do turismo, como uma ferramenta para a preservação cultural.

O artesanato possui sentido de utilização, com técnicas de produção tradicionais. Não é essencialmente um adorno, mesmo que se faça deste posteriormente um enfeite. O consumidor desses produtos pode não utilizá-lo com a sua finalidade inicial, mas a sua produção é essencialmente voltada para a utilidade real. Preocupado com esta diferenciação, LIMA³ discute:

³ disponível em <<http://www.mtg.org.br>>

Não é possível incluímos na categoria de artesanato as pinturas de bandeiras de santos, os ex- votos na forma de escultura de cabeças, as xilogravuras (...). Nesses exemplares, muito diferentes dos produtos de artesanato, observa-se o predomínio de elementos decorativos na definição de uma expressão estética. Os homens que desenvolveram as atividades referidas não podem e não devem ser situadas no mesmo plano de um paneleiro, um cesteiro ou um fazedor de pilões. Existe nessas atividades, a procura de alguma coisa diferente, que não inclui somente no imediatismo utilitário(...)

Sendo assim, observa-se que existe uma clara distinção quando se analisam artesanato, artes plásticas e arte folclórica. A definição de CASCUDO (2000 p.24), define os termos citados e aponta as diferenças existentes entre eles:

- Arte folclórica: considerada como sendo “todo objeto ornamental que tem a função de enfeitar, e também os objetos religiosos, como imagens de santos ou ex-votos, geralmente produzidos em pequeno e médio porte, não importando a matéria prima utilizada”. Refere-se à arte inserida nas características folclóricas, ou seja, mesmo com sua habilidade e criatividade pessoal, o artista pratica técnicas comuns e características do seu local de origem. A sua obra, portanto, não possui identificação com o autor que a criou, dado o caráter de anonimato do folclore e sim, com a cultura do local de onde adquiriu este saber-fazer;

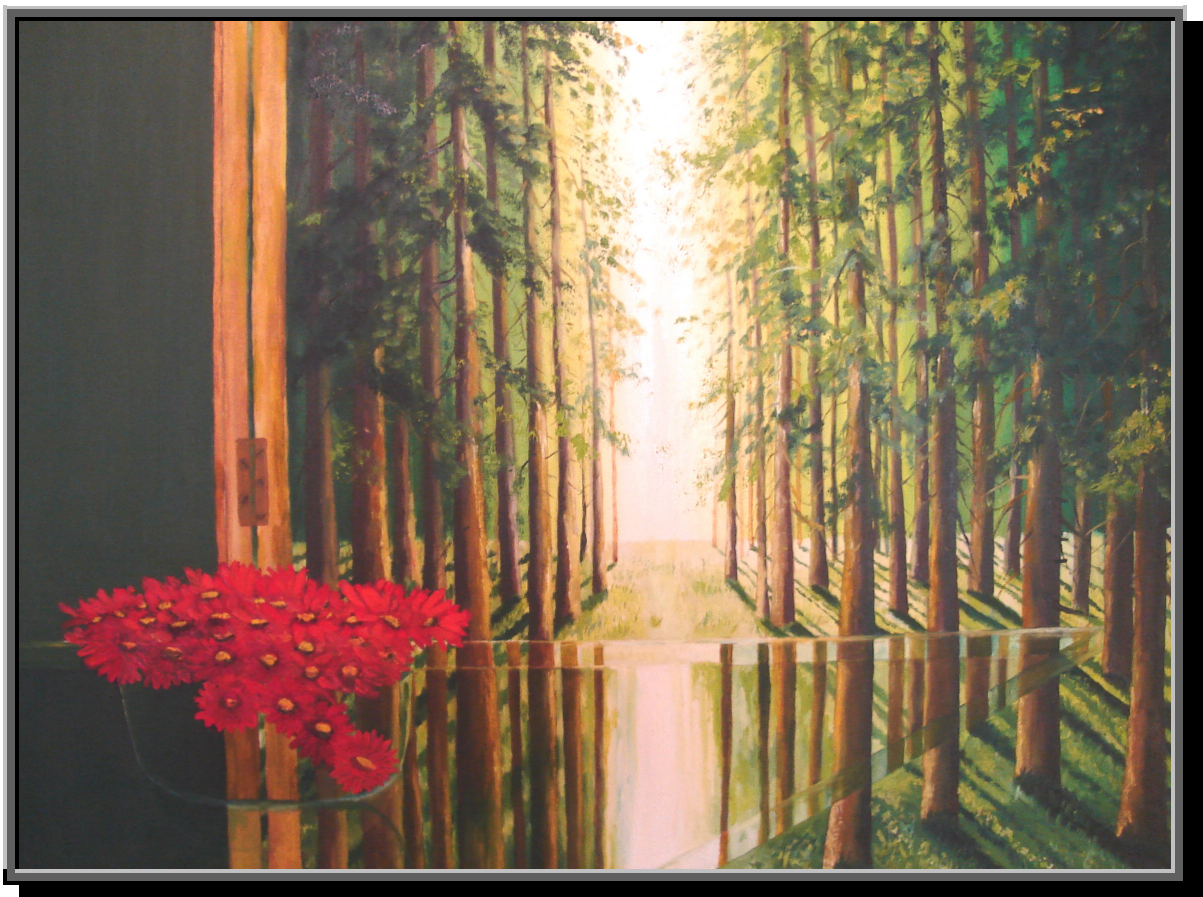
FIGURAS 05: Objeto de Arte Folclórica



FONTE: Acervo da autora, 2006.

- Artes plásticas: entende-se como forma de expressão, na qual se destaca a universalidade, singularidade e o caráter criativo de cada peça produzida, não havendo, necessariamente, a busca pela beleza, e sim, por um signo, o qual o artista, consciente ou não, deseja transmitir;

Figura 06: Objeto de Artes Plásticas



FONTE: Acervo da autora, 2006.

- Manufaturas: peças produzidas com fins comerciais ou não, exigindo habilidade para serem produzidas, tal como o objeto de arte e o artesanato, mas desprovidas de qualquer característica folclórica. São, portanto, peças sem referencial da origem de onde foi feito. Geralmente são técnicas distribuídas para grandes distâncias, ocasionando similaridades de objetos em “feiras de artesanato” de regiões diferentes do país, tornando a oferta destas feiras o que só poderia chamar de “pasteurizada”.

FIGURA 07: Objeto Manufaturado



FONTE: Acervo de Nadia Terumi Jobogi, 2005.

Verifica-se então, que existem diferenças significativas entre as diversas manifestações culturais apontadas, mas sabe-se que, geralmente, elas se encontram sob a mesma classificação: artesanato. Ciente da situação em que o artesanato se encontra e preocupada com a valorização deste, PINHO (2002, p.169) observa:

O produto artesanal “deveria ser o legítimo representante da memória material de uma comunidade, revelada através de traços, forma, funções e cores. Deveria ser o porta-voz das histórias e da cultura das comunidades produtoras, elaborado por mãos talentosas, mestres surpreendentes e grupos de aprendizes (...) deveria constituir-se no valor do objeto que se solidifica e se processa em transformação constante, sem perda de pés ou mãos das raízes culturais de origem.

Ao contrário do que a autora destaca, percebe-se nas análises preliminares a este estudo, que o artesanato é visto somente como um produto de venda, sem se perceber o valor agregado de sua identidade. Diante disso, pode-se supor que o artesão pode perder o estímulo pelo uso e a transmissão de seu saber-fazer e passar a utilizar-se de outras formas de produção, geralmente mais rentáveis, pouco relacionadas com a cultura local e de qualidade inferior ao que produzia anteriormente.

Para PINHO (2002, p.171), o artesão atualmente sofre dificuldades pelos seguintes motivos: estereotipação dos trabalhos ditos “manuais” espalhados por todo país; padronização das técnicas seja qual for a matéria prima; baixa qualidade e conseqüente baixo preço dos produtos concorrentes.

O valor do artesanato provém do ato de materialização de técnicas de produção de bens utilitários aprendidas por indivíduos da comunidade do artesão. Quando se observa que o artesanato é um patrimônio cultural, está-se, primeiramente, valorizando a transmissão deste saber-fazer, um bem intangível, que se torna tangível ao ser produzido.

Destaca-se que o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde o ano de 2001, vem realizando o registro dos bens imateriais, por meio do Decreto nº. 3551. Este registro não consiste no ato do Tombamento que, para este Instituto, consiste na ação de assegurar a preservação de determinado bem por vias legais, cuja seguridade está sujeita à fiscalização e penalidades previstas. No caso do registro, há uma descrição detalhada do bem a ser preservado, que é inscrito no Livro de Registros dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão ou dos Lugares.

Os bens materiais são mais facilmente protegidos pelo tombamento. No caso dos bens imateriais, a dificuldade deve-se à falta de compreensão e visualização, já que se trata de algo abstrato, intangível, sendo inclusive mais suscetível de diversas interpretações. A preocupação do IPHAN parte do fato de que o conhecimento, enquanto patrimônio cultural intangível é extremamente frágil, visto que é mais difícil observá-lo e compreendê-lo. RODRIGUES, em entrevista à revista RT Informa, afirma que: “O conhecimento perdido dificilmente pode ser recuperado, daí o motivo maior da preocupação em se realizar o registro” (2004 p.16).

Atualmente existem quatro bens imateriais registrados pelo IPHAN:

- Arte Kusiwa (técnica de pintura e arte gráfica própria da população indígena Wajãpi, do Amapá): encontra-se registrado no Livro de Registros das Formas de Expressão;
- Samba de Roda do Recôncavo Baiano: encontra-se registrado no Livro de Registros das Formas de Expressão;
- Círio de Nossa Senhora de Nazaré: encontra-se registrado no Livro de Registros das Celebrações;
- Ofício das Panelleiras de Goiabeiras – ES: primeiro bem imaterial ligado ao artesanato inscrito no Livro dos Saberes, no mês de dezembro de 2002. Objetos produzidos para a preparação das moquecas capixabas, são fabricados no Estado há mais de quatrocentos anos.

Atualmente, existem treze processos de registro em andamento. Deve-se destacar que em relação a este tipo de processo, o Decreto Lei nº. 3551 expressa claramente que “qualquer pessoa ou instituição pode requerer o registro de um determinado bem cultural imaterial”.

De fato, é inegável a responsabilidade dos planejadores turísticos para com a preservação dos bens imateriais. São elementos presentes no espaço, e o desconhecimento sobre o assunto pode causar diversos danos a este patrimônio. O que

se observa claramente é a noção de artesanato como um produto de consumo turístico. Nos planos municipais, regionais e nacionais o artesão é incentivado a produzir em grande escala para comercializar em feiras, em espaços específicos e até em mercado internacional. Não há, porém, critérios para direcionar tal atividade e, a partir daí, começam a despontar fatores de descaracterização.

A produção de “industrianato”, que possui baixo custo e qualidade, somado à confusão conceitual, que pode considerar artesanato, arte, arte folclórica e trabalho manual como um só produto, acarreta numa terminologia bastante freqüente no linguajar do turista: o souvenir, que conforme o Dicionário Aurélio (2000), “é o objeto característico de um lugar, e que é vendido como lembrança para turistas”.

O hábito de adquirir souvenir possui uma série de motivações, sendo principalmente uma forma de mostrar que se esteve no local visitado, com a vantagem do baixo custo. GOELNER, RITHIE e MCINTOSCH (2000, p. 164) fazem a seguinte afirmação:

(uma) característica do turismo é o desejo de adquirir souvenir. Sabe-se que um enviado de um faraó, em ocasião de sua viagem ao Sudão, trouxe de presente ao soberano um pigmeu treinado em danças. Os primeiros egípcios também compravam barganhas e especiaria no exterior (...)

O souvenir, no entanto pode ser considerado uma banalização do artesanato, na medida em que o consumidor não tem conhecimento claro sobre a verdadeira importância deste produto como patrimônio cultural da localidade visitada, e passa a consumir as peças de valor mais baixo, não importando a matéria-prima, a técnica, o valor agregado em cada peça.

Desmotivando o artesão, o seu artesanato pode ser marginalizado pela produção de souvenir. KRIPPENDORF (1989, p.170) faz uma crítica quanto ao costumeiro hábito da “pechincha” praticado por turistas: “Lembre-se, ao fazer compras, de que o “excelente

negócio” que você realiza origina-se do baixo salário pago à mão de obra”. O alerta dado pelo autor mostra que o problema vai além das preocupações do turismo, sendo um problema social ainda mais amplo.

O artesanato possui forte apelo comercial, principalmente quando está inserido em um ambiente turístico, podendo sofrer com a descaracterização de suas técnicas de produção e a sua banalização como um souvenir. O turismo, como um aliado do artesanato pode trazer uma série de benefícios, mas também causar danos a este bem cultural (RUSCHMANN, 1997 p.51-57).

CAPÍTULO 2

CAMPOS GERAIS

A região dos Campos Gerais do Paraná, localizada no Sul do Brasil, é atualmente um dos principais atrativos turísticos em desenvolvimento no Brasil e, por isso, é apoiado pelo governo estadual e federal, que lhe dá projeção para, futuramente, se tornar uma importante destinação turística.

Por esta razão, discussões sobre o turismo nesta localidade tornaram-se constantes em eventos políticos e a iniciativa privada tem demonstrado sua crença no sucesso da atividade, realizando vários investimentos significativos, principalmente no que tange ao setor hoteleiro.

Tendo em vista a origem histórica da região, diretamente ligada ao Ciclo do Tropeirismo, conforme será aprofundado ao longo deste capítulo, o principal atrativo turístico da região é denominado de Rota dos Tropeiros. Esse roteiro que abrange dezesseis municípios e seu planejamento está focado em quatro temas que reúnem as principais ofertas da região a serem desenvolvidas, conforme o material de divulgação:

- fé e misticismo;
- natureza e aventura;
- história e cultura;
- saúde e bem estar.

No que se refere à temática história e cultura, observa-se acentuado interesse por parte dos gestores envolvidos com o projeto da rota, pelo fomento e promoção do artesanato regional, bem como outras ações. Esta rota é divulgada em meios de comunicação falada e escrita, além de ser apresentada nos grandes eventos que visam a comercialização de destinos turísticos.

Entretanto, é sabido que, embora os Campos Gerais possuam indiscutível potencial para o turismo, este local ainda não possui plenas condições de ser ofertado, necessitando de maiores investimentos para proporcionar segurança e satisfação ao turista e, principalmente, desenvolver estratégias para preservar o meio ambiente natural e cultural dos impactos negativos que esta atividade pode causar.

Dentre os impactos negativos possíveis de ocorrer na região, destaca-se a descaracterização cultural da comunidade, que resulta em danos aos bens materiais e imateriais. Para se buscar a preservação deste patrimônio é necessário, primeiramente, conhecê-lo e interpretá-lo. Por esta razão, faz-se necessário analisar as transformações sócio-espaciais ocorridas na região dos Campos Gerais, principalmente após o início das ocupações ocasionadas pelo Ciclo do Tropeirismo.

A fim de se buscar uma compreensão dos Campos Gerais do Paraná, localidade emergente na atividade turística, será realizada uma análise a qual destacará a importância de se conhecer as variáveis que compõem o espaço, valorizando não somente o patrimônio construído, mas também o intangível.

SANTOS (1997 p.05) afirma que “o espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida”. Em outras palavras, o autor defende a idéia de que a análise de um espaço, tomando como base um só aspecto, resulta em uma conclusão reduzida a respeito de algo muito mais complexo. Conforme o mesmo autor, tem-se que: “Os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas”. Além disso, o estudo de SANTOS aponta para a necessidade de verificação de elementos concretos e também os abstratos que compõem o espaço.

Para a compreensão dos elementos componentes do espaço, é fundamental entender a função de cada um destes por meio de concepções históricas geográficas e econômicas. SANTOS (1997) conceitua o espaço como um “sistema no qual diversos elementos interagem e se co-relacionam. Não há como analisá-lo somente por uma

variável” Sendo assim, o autor desenvolveu categorias de análise do espaço por meio de verificação do que denomina de função, forma, estrutura e processo.

De acordo com a teoria de Milton Santos (1997), função é “a forma na qual o espaço é utilizado pelos seres que ali habitam”. Estrutura é “a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento de tempo” e processo “é uma estrutura em seu movimento de transformação” (CORRÊA, 2003 p.77).

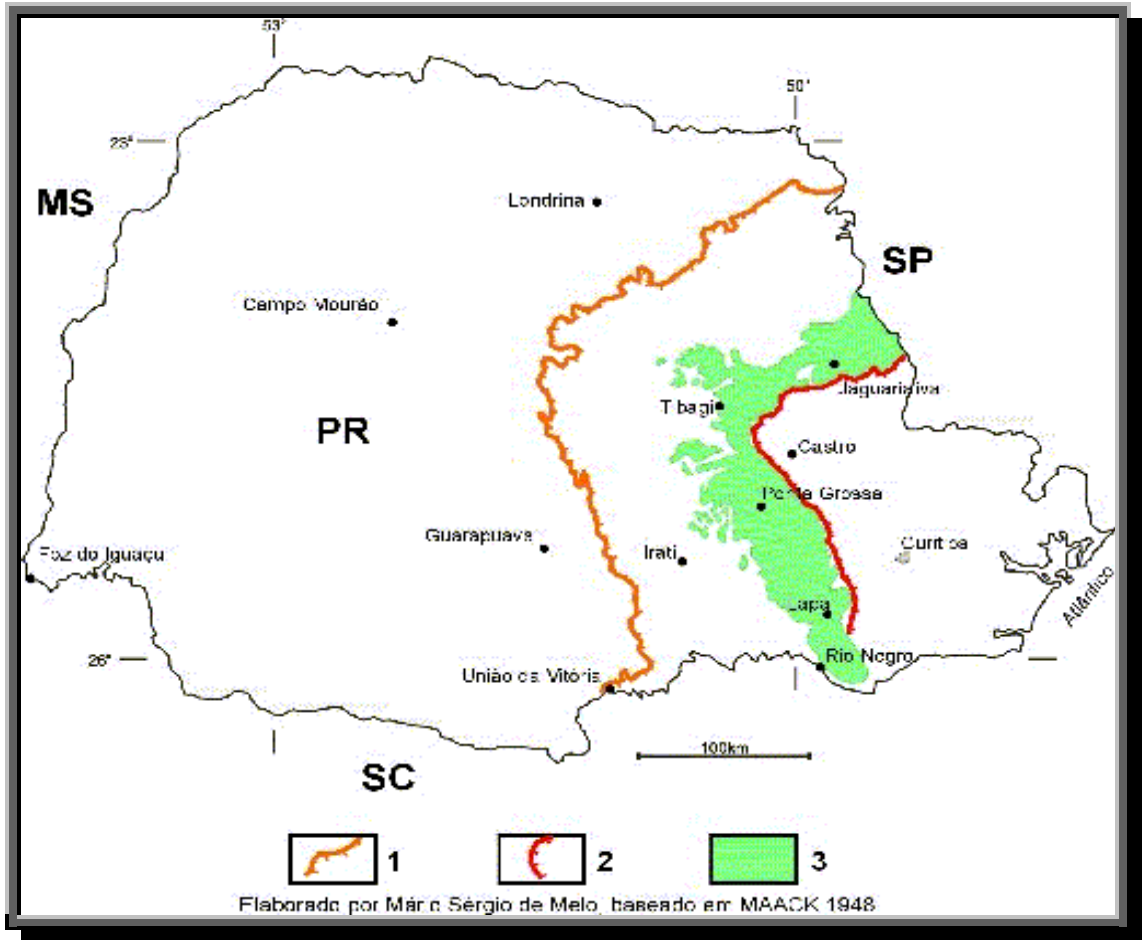
Desta forma, deve-se buscar compreender as diversas variáveis que compõem a região dos Campos Gerais assim como suas inter-relações. A seguir, serão analisados aspectos geográficos, histórico-culturais e econômicos, para então, realizar uma discussão sobre a convergência destes elementos como recursos turísticos.

A região dos Campos Gerais, localizada na região Sul do Brasil, está situada entre o primeiro e segundo Planalto Paranaense. São muitos os conceitos que determinam suas características ou mesmo sua localização, pois ela é dotada de grande riqueza natural e cultural, com características distintas de um local para outro, o que torna mais difícil estabelecer um conceito para a mesma.

Alguns estudiosos dos Campos Gerais do Paraná, como o geógrafo MAACK (1948) e o botânico HILAIRE (1978), compreendem esta região de formas diferentes. MAACK conceitua este espaço pela área situada sobre o Segundo Planalto Paranaense, no reverso da Escarpa Devoniana⁴, que indica a separação para o Primeiro Planalto. O autor descreve esta região como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, com a presença da araucária (*Araucária angustifolia*).

⁴ Conforme MELO e MENEGUZZO, 2003, “A Escarpa Devoniana constitui notável feição geomorfológica que delimita a leste os Campos Gerais do Paraná. Ela tem início no vale do rio Iguaçu, no sul do estado, entre os municípios de Lapa e Campo Largo e estende-se para além do rio Itararé, já no estado de São Paulo, a norte, até as proximidades do município de Itapeva”. Constitui-se em um degrau topográfico com até 300m de desnível.

FIGURA 08: Os Campos Gerais do Paraná, segundo MAACK



FONTE: MAACK, 1948 em http://www.uepg/dicion/campos_gerais.htm

Legenda

- 1: Escarpa da Serra Geral;
- 2: Escarpa Devoniana;
- 3: Extensão original dos campos naturais no Segundo Planalto Paranaense.

Já HILAIRE (1978), analisa os Campos Gerais agregando aspectos naturais e culturais, e assim, afirma que uma localidade se sobressai como uma região, independente de questões territoriais. Desta maneira, entende que esta tem início na margem esquerda do rio Itararé, próximo à divisa com o Estado de São Paulo, terminando perto do

território de Curitiba. Para a compreensão deste conceito, pode-se analisar a situação do município de Castro.

Castro está localizado no primeiro planalto paranaense, e por esta razão, MAACK (1948) não o identifica como parte dos Campos Gerais, que para ele é uma região restrita ao segundo planalto. Porém, a identidade cultural castrense é diretamente relacionada aos municípios do segundo planalto, como Ponta Grossa, Carambeí, Piraí do Sul, etc. Por isso, HILAIRE (1978) considera aquele município integrante dos Campos Gerais do Paraná.

Diante disso, constata-se que as discussões sobre o conceito de Campos Gerais são complexas, pois, conforme MELO e MENEGUZO (2001, p.418-419), existem delimitações diversas para a região mencionada, conforme os objetivos e interesses de cada pesquisador ou instituição que os classifica, conforme descrevem:

Para a Associação dos Municípios dos Campos Gerais – AMCG prevalecem critérios econômicos e políticos. Para a Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, têm prevalecido critérios de identidade histórica e geográfica, além da área de influência da Universidade e seus campi avançados. Para os consórcios de gestão ambiental, por exemplo o Consórcio Intermunicipal para a Proteção Ambiental da Bacia do Rio Tibagi – COPATI (...) tem prevalecido a área da bacia hidrográfica do rio Tibagi.

Desta forma, a delimitação espacial desta pesquisa será baseada na atual concepção da AMCG – Associação dos Municípios dos Campos Gerais, que se constitui em dezoito municípios: Arapoti, Carambeí, Castro, Imbaú, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, São João do Triunfo, Reserva, Sengés, Tibagi, Telêmaco Borba e Ventania. (ver figura 09, p.44)

(OS CAMPOS GERAIS CONFORME A AMCG)

Os municípios mencionados possuem grande afinidade política e econômica, sendo este o principal interesse da AMCG, mas não se assemelham somente nestes aspectos, havendo entre eles semelhanças naturais e culturais, com maior ou menor intensidade de uns, para outros, o que favorece uma maior integração para um processo de regionalização turística.

As características naturais da região dos Campos Gerais podem ser apontadas como uma das principais responsáveis pela ocupação humana desde o século XVIII, destacando-se que a região já era povoada por povos indígenas das culturas Tupi-Guarani, Kaingangue. MATIAS e MELO (2003), analisam que a vegetação característica de campos propiciaram a formação de grandes pastagens para a criação de gado, o que atraiu o interesse principalmente de paulistas para a requisição de sesmarias de terras, que praticamente ocasionaram a dizimação destes povos.

Originalmente, a região dos Campos Gerais era caracterizada por campos limpos e incidência de capões e matas de galeria, com forte presença do pinheiro araucária (*Araucaria angustifolia*). Muitos acidentes geográficos estão presentes neste local devido a Escarpa Devoniana somados à ocorrência de outros fenômenos geológicos resultaram em uma grande variedade de recursos naturais de notório interesse por parte da comunidade científica e da população em geral por visitá-los, dentre os quais, podem-se citar: furnas, arenitos, cachoeiras, cavernas, lapas, rios de corredeiras e lajeados. A beleza cênica dessa localidade foi destacada pelo botânico Auguste de Sain' t Hilaire no século XIX (1978 p.15 e 27) que diz:

Esses campos constituem, inegavelmente, uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei a América; suas terras são menos planas e não se tornam tão monótonas como nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas de maneira a limitarem o horizonte. Depois de tudo o que acabo de dizer, vê-se que não foi sem razão que apelidei os Campos Gerais de paraíso terrestre do Brasil.

O patrimônio natural dos Campos Gerais, composto pela fauna, flora e acidentes geográficos está protegido por meio da criação de sete parques estaduais, dentre os quais, destacam-se: Parque Estadual de Vila Velha, situado no município de Ponta Grossa, Parque Estadual do Guartelá, em Tibagi e Parque Estadual do Cerrado, localizado em Jaguariaíva. Todos estes são acessíveis à visitação turística.

No entanto, longe dos espaços protegidos pela ação do tombamento, verifica-se grande transformação do espaço, pela destruição da vegetação original e, conseqüentemente, ocasionando o desequilíbrio da biodiversidade, devido à ação desordenada das atividades econômicas que necessitam destas áreas para se desenvolver. A agropecuária e a indústria florestal são responsáveis pela devastação dos campos em todos os municípios.

A introdução e proliferação de espécies exóticas como o *pinus* tem se apresentado como um sério problema dos órgãos ligados ao meio ambiente. Os remanescentes desse ecossistema estão extremamente fragmentados, não chegando a perfazer 3% da área original, segundo dados da Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná (FUPEF), dos quais apenas 0,7% poderiam ser considerados como áreas primitivas.

Figura 10: A Agricultura como Agente Transformador da Paisagem dos Campos Gerais



FONTE: Acervo da autora, 2005.

O patrimônio natural dos Campos Gerais pode ser considerado um dos maiores atrativos turísticos desta localidade, somado ao legado cultural característico e resultante das diversas etnias que lá habitavam e outras que em diferentes momentos históricos se instalaram no local.

No ano de 1908, um coronel de nome Telêmaco Borba, em serviço na região, realizou um registro sobre os costumes dos indígenas habitantes nos Campos Gerais, nos quais descreve os grupos Guaranis e Kaingangues (também conhecidos como Coroados). Este documento é importante para se compreender a cultura dos Campos Gerais que antecede a ocupação de outros povos de culturas diversas.

O militar registra em seus escritos que haviam muitas mortes de indígenas devido aos conflitos com tropas e outros indivíduos que passaram a fazer parte do mesmo espaço que eles. Preocupado com a preservação da memória dos povos indígenas, afirma ser importante o registro de seus costumes porque eles “tendem a desaparecer” (BORBA, 1908, p. 03). Dentre os apontamentos feitos pelo autor, buscou-se destacar a cultura do povo kaingangue, posteriormente apresentado como uma das duas comunidades identificadas como produtoras de artesanato.

Sendo assim, BORBA descreve que os índios kaingangues produziam uma série de artigos artesanais, dentre os quais, cestos, peneiras, panelas de barro, pilões, além de armas como arcos e fechas, lanças, e instrumentos de som, como flautas e apitos de chifres de boi, etc (1908 p. 09). Viviam de caça e pesca, se alimentavam de mel, frutas, feijão, milho, abóbora plantados pelas mulheres e produziam dois tipos de bebidas fermentadas, o *goifá* e o *quiquy*.

BORBA destaca também alguns aspectos sobre a estrutura familiar e o dia-a-dia deste povo. Afirma que os kaingangues eram poligâmicos e os homens podiam ter até quatro mulheres (1908 p.11). Existia muito afeto entre pais e filhos e os homens consultavam as mulheres antes de uma negociação (p.12). Os nascimentos aconteciam de uma forma bem natural, pois a mulher reiniciava suas atividades cotidianas logo após o parto e as mortes, com exceção de crianças, eram festejadas com bebida e danças.(1908 p.13)

A capacidade para caçar e sobreviver em meio à natureza também chamou a atenção do militar, que assim descreveu: “tem a vista, o olfato e o ouvido de uma sensibilidade e delicadeza extraordinárias” e a coragem dos jovens era estimulada por meio de jogos envolvendo lutas, que resultavam em ferimentos graves. Os mais feridos eram considerados os mais valentes (1908 p.17)

Por fim, o autor ressaltava a hospitalidade do índio kaigangue, afirmando (1908 p.14):

Quando alguém chega a eles, a primeira coisa que fazem é perguntar se tem fome, nos dias de abundância nem isso fazem; sem nada dizer, vão pondo diante da pessoa a comida dizendo – coma (acó) – nunca negam a comida que lhes pede, do pouco que tem, comem juntos.

Os kaigangues ainda vivem nos Campos Gerais (e em outras regiões do Paraná) em reservas demarcadas pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, terras essas reduzidas se comparadas com o espaço que possuíam antes da chegada dos primeiros colonizadores.

De acordo com DITZEL e LAMB⁵ (2003), os primeiros colonizadores do Estado do Paraná chegaram no início no século XVI. Eram em sua maioria expedições estrangeiras à procura de madeira de lei. Já a partir do século XVII, a região passou a ser ocupada por paulistas e portugueses devido à descoberta de ouro, além da necessidade de índios para o trabalho escravo. Contudo, os autores analisam que a mineração foi legada a segundo plano por estes colonizadores, que se dirigiam às terras de Minas Gerais. No século XVIII, Curitiba e Paranaguá eram as duas únicas vilas da região e até o século XIX a área do Paraná ainda pertencia à Província de São Paulo. Somente em 1853, o Paraná conquistou sua autonomia, quando teve início um

⁵ A UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa realizou no ano de 2003 um trabalho interdisciplinar sobre os Campos Gerais denominado Patrimônio dos Campos Gerais do Paraná, disponível no sítio http://www.uepg/dicion/campos_gerais.htm

programa oficial de imigração europeia para a região, principalmente de poloneses, alemães e italianos.

Nos Campos Gerais, a ocupação teve início em meados do século XVIII. Sua geografia característica favoreceu o desenvolvimento da pecuária e logo esta região, que era passagem de tropas entre o extremo sul do Brasil, até Sorocaba, em São Paulo, tornou-se ponto de parada para tropeiros, que comercializavam gado e muares para São Paulo e Minas Gerais.

A necessidade de abastecimento colonial tanto impulsionou o mercado interno brasileiro, possibilitando a gradativa integração das economias regionais, como favoreceu, ainda, a ocupação de regiões do interior paranaense. A ligação inter-regional se fazia pelo Caminho do Viamão, que compreendia três rotas, sendo a via mais utilizada denominada Estrada Real, passando pelos campos de Vacaria, de Lages, Campos Gerais e Itararé, chegando a Sorocaba. (DITZEL e LAMB 2003)

A exploração da atividade pecuária foi um forte motivo para a intensificação das ocupações nos Campos Gerais. A partir do século XVIII havia quase cem pedidos de concessão de terras à Coroa que, quando aprovados, eram cedidas pelo sistema de sesmarias.

As sesmarias eram concedidas pela Coroa portuguesa, através de seus representantes na administração colonial. Impunha-se como condição para a doação que o pretendente comprovasse dispor de cabedais. Sua concessão conferia o direito de uso da terra, reforçando o prestígio e poder das famílias proprietárias e ampliando as distinções sociais. As primeiras sesmarias dos Campos Gerais foram concedidas a vários integrantes da família de Pedro Taques de Almeida: o latifúndio compreendia as áreas dos atuais municípios de Jaguariaíva, Piraí do Sul, Castro e parte de Ponta Grossa. Dos seus beneficiados, membros da sociedade paulista, apenas Inácio Taques de Almeida passou a residir na região. (DITZEL e LAMB 2003)

Nas sesmarias era rara a presença do sesmeiro, já que o mesmo passava a incumbência da administração da fazenda a um feitor. Também a criação de gado da

própria fazenda não interessava financeiramente mais do que as invernadas. Durante todo ano, as fazendas dos Campos Gerais recebiam tropas de gado e muares para se fixarem por meses para descanso e engorda do rebanho. A escravidão de negros era explorada na mão de obra, embora hoje se faça pouca referência da cultura negra no Paraná, assim como dos indígenas, praticamente dizimados.

O tropeirismo ocasionou o surgimento de grande parte das cidades que hoje compõem a região dos Campos Gerais. Apesar disso, outros ciclos econômicos contribuíram para a formação sócio-cultural dos Campos Gerais, tais como o da madeira e da erva-mate, que se desenvolveu a do século XIX.

Em 1880, Ponta Grossa tinha seu próprio engenho de erva-mate, o que diversificou a economia, fortaleceu também o urbanismo e a modernização das cidades dos Campos Gerais. Neste momento histórico, a atividade envolvia trabalhadores livres e escravos. Os primeiros assumem o comércio na região e assim formou-se a burguesia do mate.

Com relação ao ciclo da madeira, no final do século XIX e início do século XX a extração de madeira e a sua comercialização favoreceram a ampliação das estradas de ferro dos Campos Gerais. Em 1896 teve início a construção da estrada de ferro São Paulo/Rio Grande do Sul, sendo que a sede do escritório central e oficina era em Ponta Grossa.

A ferrovia contribuiu intensamente para a consolidação das áreas urbanas. Além disso, a chegada de imigrantes a partir do ano de 1878, favoreceu o fortalecimento do comércio, dinamização do setor cultural, com a fundação de entidades recreativas, artísticas, literárias e beneficentes.

Atualmente, a economia da região é baseada, principalmente, na agropecuária, na produção de madeira para reflorestamento, além da presença de grandes indústrias de alimentos e de produção de papel de celulose. Alguns municípios dos Campos Gerais apresentam notável crescimento econômico, tais como Ponta Grossa e Telêmaco Borba.

Contudo, grande parte da região encontra-se estagnada economicamente, e problemas de desemprego, baixa renda, habitação, educação e saúde situam muitos municípios nos números mais baixos do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano do Paraná.

De acordo com o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento⁶, os municípios em pior situação são Ortigueira, que é o caso mais grave do Estado, Reserva, Imbaú e Ventania. Entende-se que, embora a região possua um patrimônio cultural, histórico e natural de grande valor, a população local ainda encontra sérios problemas, no que se refere a sua qualidade de vida.

Como forma de buscar alternativas econômicas para a geração de emprego e renda na região, o setor público e privado dos Campos Gerais vem demonstrando forte interesse no desenvolvimento de diversos projetos integrados em várias áreas, nos quais se destaca o turismo. Um deles se constitui no projeto intitulado Rota dos Tropeiros, que abrange doze dos municípios associados à AMCG, somados a quatro outros não pertencentes a esta associação, Campo Largo, Campo do Tenente, Balsa Nova e Rio Negro, todos no Estado do Paraná, com grande potencialidade turística e cuja identidade histórica é vinculada ao Tropeirismo⁷.

A região dos Campos Gerais, diante da sua história, cultura e a sua oferta natural, possui potencial turístico, mas não está preparada para receber turistas. O movimento de visitantes hoje pode ocasionar grandes impactos ao espaço como um todo. Apesar disso, a Rota dos Tropeiros é ofertada como um produto turístico.

Entende-se a validade das ações dos setores público e privado diante do seu interesse no turismo como uma alternativa econômica que possibilite a geração de mão de obra, numa localidade onde as taxas de desemprego encontram-se altas. Contudo, faz-se

⁶ <http://www.pnud.org.br/atlas/>

⁷ Ciclo econômico que durou aproximadamente 200 anos; consistia no transporte de gado e muares do extremo sul do Brasil a região de Sorocaba – SP, onde estes animais eram distribuídos, por meio de comércio, a diversas localidades do país, dentre as quais, Minas Gerais, que necessitava destes para a alimentação e transporte de ouro e outros minérios.

necessário um planejamento sério e que leve em consideração a comunidade local, o meio natural, a cultura material e imaterial, e os fatores econômicos, dentre outros.

Motivados, principalmente, pelo projeto Rota dos Tropeiros, representantes do setor público e privado, em parceria com a AMCG, iniciaram diversos projetos cuja proposta era agregar valor à oferta turística com o comércio de artesanato. Projetos como o “Arte Rodando”, (um ônibus adaptado para circular entre os municípios com produtos regionais) e feiras de artesanato, iniciaram-se e extinguíram-se rapidamente, pois não havia critérios para a associação de artesãos e, desta forma, era possível verificar cestarias indígenas com técnicas tradicionais de produção, misturadas a enfeites com temas como o *Mickey Mouse* ou *Pato Donald*, que não dizem respeito ao folclore local.

Sendo assim, a oferta dos produtos tornou-se desinteressante para o público. Outros projetos são executados, destacando-se a loja de artesanato da AMCG e os cursos sobre esta temática, ministrados pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa, um dos parceiros da Rota dos Tropeiros, além de projetos isolados nos municípios componentes da Rota.

Tendo em vista que as ações voltadas para a produção e o comércio de artesanato dos Campos Gerais ocorrem de maneira muitas vezes desordenada, percebe-se a necessidade de um estudo mais criterioso sobre este tema. Cabe, portanto, ao planejador de turismo o entendimento dos conceitos que envolvem manifestações folclóricas, neste caso, o artesanato, para que se possa valorizar o verdadeiro artesão, protegendo o patrimônio das localidades nos projetos turísticos, para que essa atividade contribua para a preservação das referidas manifestações folclóricas.

2.1 Artesanato dos Campos Gerais

O artesanato da região dos Campos Gerais é representado pelo trabalho do índio, que é marcado, principalmente, por artigos de fibras de taquara trançados, feitos para auxílio de suas atividades diárias, como balaios, peneiras, redes, esteiras, arcos e flechas, dentre outros, somado ao trabalho dos negros, antigos escravos, que produziam artigos necessários para o trabalho nas fazendas e de uso de tropeiros, como cordas, pilões, selas, artigos de couro, tecelagem, etc.

Pode-se afirmar que a produção do artesanato na região já existia antes da ocupação de sesmeiros e da passagem de tropas, pois já era produzido por índios. A variedade de produtos, entretanto, surgiu a partir do tropeirismo, cuja forma de trabalho gerou a necessidade de uma série de artigos que deveriam ser confeccionados na localidade como suporte das atividades diárias.

Hoje, as tradições artesanais ligadas ao tropeirismo são raras na região, pois dado o caráter imaterial do artesanato, quando deixam de ser necessárias, as peças deixam de ser produzidas e o conhecimento para produzi-los também não foi repassado. Isso é compreensível, pois como já foi mencionado (p.19), a cultura é dinâmica e muda com o tempo. Por isso, quando se trata de artesanato dos Campos Gerais, os trabalhos que realmente podem receber tal denominação são produzidos em comunidades isoladas.

Dessa forma, os produtos ditos artesanais podem ser adquiridos em diversas feiras regulares e esporádicas de artesanato nos municípios da região, em sedes de associações culturais, lojas de artesanato, dentre outras e recebem apoio de diversos organismos de cunho social e cultural, além da AMCG (ver anexo A, p.113).

A partir deste trabalho, as produções consideradas artesanais da região foram identificadas e classificadas conforme suas características, tema este que será abordado no capítulo a seguir.

FIGURA 11: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando



FONTE: Acervo de Nádia Terumi Joboji, 2003.

FIGURA 12: Exposição de Artesanato do Projeto Arte Rodando



FONTE: Acervo de Nádia Terumi Joboji, 2003.

CAPÍTULO 3

O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Universo da Pesquisa

Levando em consideração que o problema de pesquisa deste trabalho surgiu a partir de uma real necessidade de entendimento do significado de artesanato durante atividade profissional na AMCG, o universo de investigação foi a região que abrange os municípios associados à mesma.

No presente momento, a AMCG é composta por 18 municípios e, desta forma, foram os locais pesquisados: Arapoti, Carambeí, Castro, Imbaú, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, São João do Triunfo, Reserva, Sengés, Tibagi, Telêmaco Borba e Ventania. (ver figura 09, p.44).

A pesquisa de campo abrangeu tanto a parte urbana como a rural dos municípios relacionados, e envolveu a participação de moradores locais que contribuíram com a indicação de artesãos e acompanharam a pesquisadora durante as visitas aos mesmos. Nessas visitas procedeu-se à entrevista dos referidos artesãos.

Alguns organismos, como as secretarias municipais e departamentos de turismo, a AMCG e associações de artesanato diversas também foram campo de pesquisa, já que possuem cadastros de artesãos, registros fotográficos e possuem documentos que foram relevantes para a realização do trabalho.

3.2 Amostra

A definição da amostra da pesquisa foi baseada em atividades da pesquisadora na AMCG durante os anos de 2002 e 2003, que possibilitaram o conhecimento das práticas artesanais da região dos Campos Gerais, bem como uma estimativa de

artesãos que poderiam participar da pesquisa, respondendo aos questionários. Esta expectativa foi de aproximadamente duzentos e cinquenta indivíduos, tendo em vista a participação dos mesmos em reuniões da AMCG sobre artesanato, bem como o cadastro de artesãos realizado durante esses eventos.

Procurou-se aplicar um número máximo de vinte questionários por município. O número mínimo não foi determinado, pois dependia do número de artesãos existentes na localidade, conforme dados da AMCG, secretarias e departamentos municipais de turismo da região. Na tabela a seguir, estabelece-se a relação das entrevistas realizadas em cada município objeto desta pesquisa:

Tabela 1: Relação de entrevistas por município

	Municípios	Número de entrevistas
01	Arapoti	15
02	Carambeí	12
03	Castro	20
04	Imbaú	05
05	Ipiranga	08
06	Ivaí	17
07	Jaguariaíva	20
08	Ortigueira	20
09	Palmeira	20
10	Piraí do Sul	16
11	Ponta Grossa	20
12	Porto Amazonas	06
13	São João do Triunfo	06
14	Reserva	05
15	Sengés	10
17	Tibagi	20
17	Telêmaco Borba	19
18	Ventania	16

FONTE: Organizado pela autora, 2006.

Para a realização deste trabalho foram entrevistados duzentos e quarenta e um indivíduos, dos dezoito municípios dos Campos Gerais do Paraná.

3.3 Metodologia

O projeto esteve focado no levantamento e identificação do artesanato da região dos Campos Gerais do Paraná, direcionando para uma pesquisa de ordem empírica, que, segundo ANDRADE (1991, p.18), é “dedicada a codificar a face mensurável da realidade social”, neste caso, visando compreender aspectos culturais da localidade citada.

Para tanto, a realização desse trabalho exigiu um aprofundamento teórico sobre a temática, envolvendo conceitos ligados à cultura, folclore, artesanato e turismo. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias, com o objetivo de buscar conceitos que direcionassem teoricamente a elaboração de modelos de entrevistas que servissem de instrumento para o levantamento dos dados em trabalho de campo e fornecessem subsídios para a análise dos dados.

O trabalho de pesquisa foi realizado em três etapas, as duas primeiras consistiram em trabalho de campo e a última, em laboratório. Na primeira, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada⁸, com perguntas abertas e fechadas, a todos os indivíduos considerados artesãos pelos departamentos/secretarias de cultura e turismo dos dezoito municípios que compõem a AMCG.

Estas informações foram obtidas por meio de dados contidos nos inventários turísticos desses municípios e também por consulta ao cadastro interno de artesãos realizado por aquela associação. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora em conjunto com monitores de cursos de turismo de instituições de ensino superior da região, com apoio de membros da comunidade de cada município visitado.

⁸ Tendo em vista que muitos indivíduos pesquisados podem apresentar dificuldade de leitura ou compreensão das questões expostas, optou-se pela entrevista ao invés de questionário.

A entrevista que compõe a primeira etapa do trabalho de campo possibilitou o cumprimento dos seguintes objetivos:

- Identificar produtores e respectivos produtos relacionados à prática do artesanato;
- Reunir quatro grupos de indivíduos conforme o tipo de produção: artesanato, arte folclórica, artes plásticas, manufaturas (conforme os conceitos já estabelecidos no projeto)

Na segunda etapa, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada somente aos indivíduos identificados como artesãos de acordo com os conceitos estabelecidos por CASCUDO (2001). Somente a autora deste trabalho realizou as entrevistas citadas, pois desta forma, poderia ter flexibilidade na elaboração das perguntas abertas. O roteiro da entrevista se restringiu, no entanto, aos aspectos considerados relevantes e que correspondem aos seguintes objetivos:

- Reconhecer o contexto histórico-cultural e espacial do artesão;
- Identificar o valor imaterial do artesanato pela tradição do mesmo.

Destaca-se que, para analisar os dados coletados por meio das entrevistas (ver apêndice A, p.94), foi utilizada a técnica de Análise de Dados Multivariados e Análise em Componentes Principais. Para cada grupo que se buscou identificar, foram elencadas categorias que possibilitam diferenciá-los e, buscar grupos através de *cluster*, proposto por PEREIRA (2001), que afirma: “Cluster, quando se quer identificar grupos de características semelhantes, ou seja, categorizar as observações levando em conta todas as medidas originais” (2001 p.149). Este agrupamento foi feito por meio de programa específico de computador, de posse da UNIVALI, denominado Statistica.

Desta forma, a análise foi realizada de duas formas. Primeiramente foi utilizado o recurso de projeção das variáveis, o qual possibilitou o agrupamento das variáveis conforme as categorias estabelecidas. Para a aplicação do recurso proposto, foram

analisadas as variáveis P41 a P8 (ver legendas em apêndices C e D, p.98 e 99). Após a projeção das variáveis, foi utilizado o recurso da projeção dos casos, em que se observa o agrupamento dos indivíduos entrevistados. Neste segundo caso, a variável P38 foi incluída às variáveis mencionadas, para possibilitar maior destaque das produções artesanais.

Os grupos propostos e obtidos por meio da metodologia utilizada são quatro: artesãos, artistas plásticos, artistas folclóricos e produtores de artigos manufaturados.

De maneira sistemática, pode-se apontar os principais procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo deste trabalho:

1. Pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias;
2. Elaboração e aplicação do questionário a uma amostra de duzentos e quarenta e um indivíduos considerados artesãos em projetos turísticos da região dos Campos Gerais do Paraná;
3. Realização de registro fotográfico dos produtos;
4. Análise dos dados e identificação de grupos de artesãos e de outros tipos de produtores;
5. Classificação do grupo dos produtores não passíveis de serem considerados artesãos pelo conceito estabelecido neste projeto;
6. Realização de entrevistas com os artesãos identificados, visando uma compreensão histórico-cultural de cada indivíduo;
7. Análise do artesanato em laboratório por meio de fotografias;
8. Descrição e mapeamento do artesanato dos Campos Gerais do Paraná.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

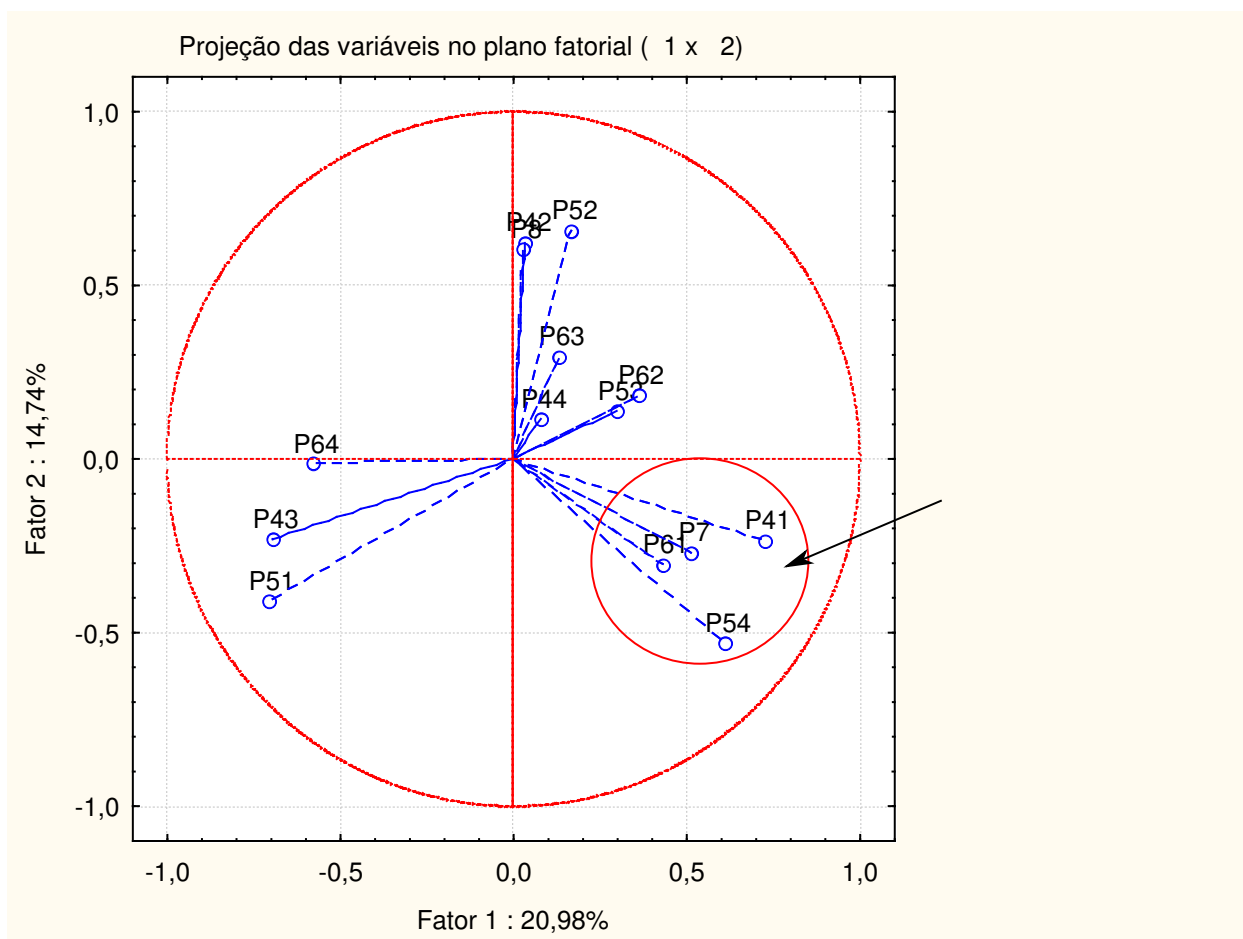
Os resultados da primeira etapa da pesquisa, uma entrevista semi-estruturada, demonstraram que a região possui uma grande variedade de produtos, no que se refere à matéria prima, à temática, aos objetivos de produção, dentre outros. No entanto, para a identificação e classificação do artesanato, foi necessário aplicar técnicas estatísticas que possibilitassem o agrupamento (ou a formação de *cluster*) de quatro tipos de produção:

- 1 – Artesanato;
- 2 - Artes Plásticas;
- 3 - Arte Folclórica;
- 4 - Produtos Manufaturados.

Para a elaboração dos gráficos foram elencadas parte das categorias estabelecidas. Algumas variáveis não foram incluídas para reduzir a quantidade de informações e assim possibilitar uma leitura mais acessível dos dados. Para a elaboração dos gráficos foram utilizadas as técnicas de Análise em Componentes Principais e selecionadas as variáveis P41 a P8. Por meio dessa, é permitido verificar as variáveis conforme as correlações existentes entre as mesmas.

Assim, o gráfico 01 a seguir, demonstra a correlação entre algumas variáveis estabelecidas para a realização desta pesquisa. Essas variáveis correspondem às perguntas e alternativas de respostas contidas nos questionários, destacando-se o grupo das variáveis artesãos, conforme se observa:

GRÁFICO 01: Análise das Variáveis: Artesanato



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

Conforme o gráfico apresentado, pode-se identificar, em destaque entre o círculo vermelho, o grupo de variáveis representados por P41, P54, P61 e P7. Estas variáveis formam entre si um ângulo agudo e, portanto, confirmam sua correlação. As variáveis que formam entre si um ângulo reto apresentam falta de correlação e ângulos obtusos apontam correlação negativa. A seguir, podem-se verificar as variáveis que foram destacadas no gráfico 01, bem como os dados relativos às mesmas:

TABELA 02: Grupo de variáveis correspondentes ao Artesanato

Variável	Respostas do questionário:
P41	Aprendeu o artesanato com família e membros de sua comunidade
P54	Não pode mensurar o tempo em que se pratica artesanato
P61	O fator principal para produzir artesanato é a utilidade
P7	O artesanato está relacionado ao local de origem pelo histórico, forma, tema e matéria-prima.

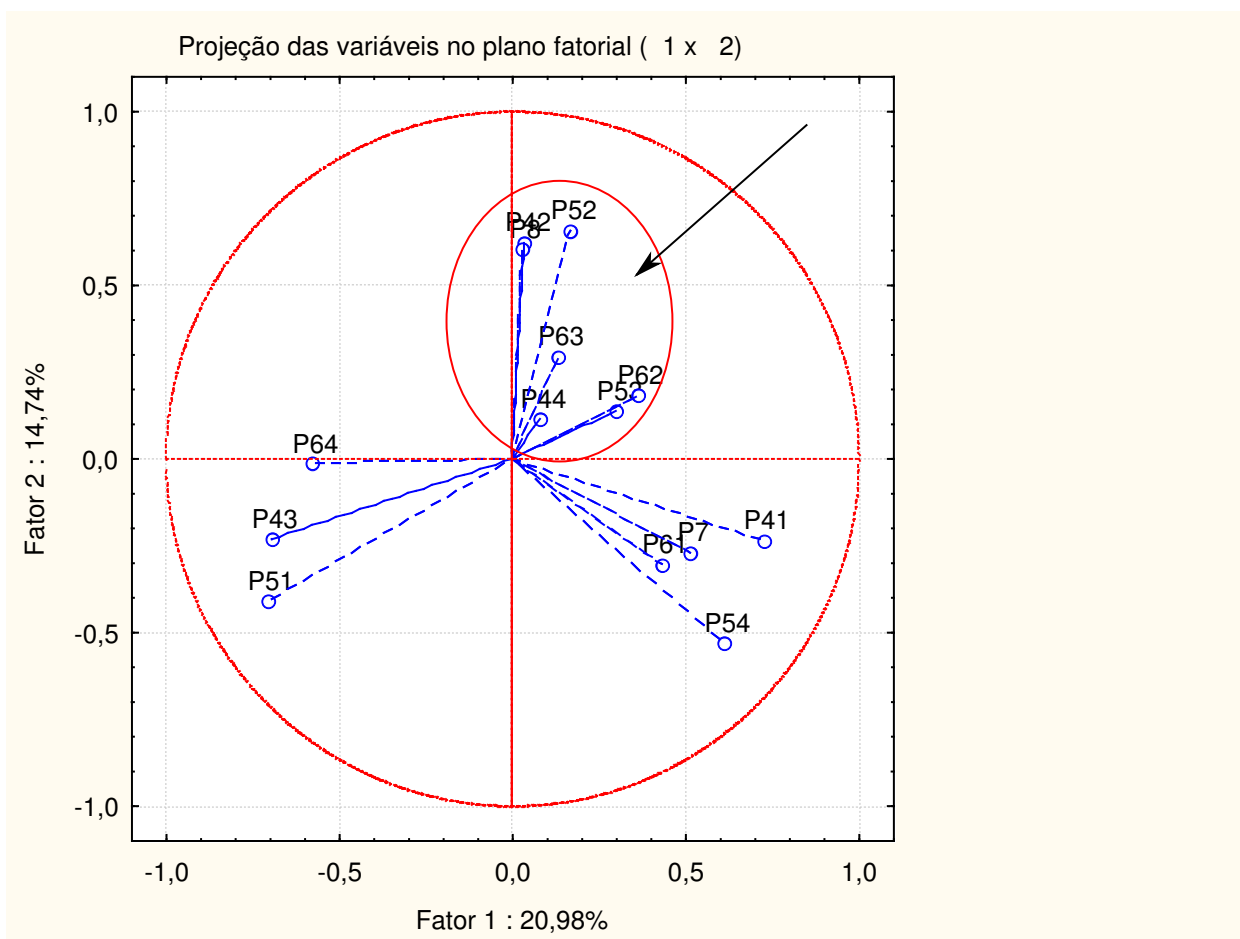
As afirmações reunidas nesse grupo estão de acordo com os conceitos de CASCUDO (2001). As variáveis agrupadas demonstram as características dos artesãos, ou seja, relação cultural com a localidade em que vivem, produção de artesanato com objetivo de utilizá-lo, aprendizado com a família e membros da comunidade há tempo indeterminado. O agrupamento destas variáveis vem de encontro aos conceitos de CASCUDO e permitem a identificação dos artesãos dos Campos Gerais do Paraná.

Podem ser identificadas no gráfico 01 outros grupos. Para melhor observação, destacou-se no gráfico 02 o agrupamento das variáveis P42, P44, P52, P53, P62, P63 e P8, que formam entre si um ângulo agudo. A formação deste ângulo, como afirmado anteriormente, demonstra que há correlação entre as variáveis, que foram elencadas para identificação dos objetos de artes plásticas, conforme conceitos já discutidos no capítulo 1 (p.12).

Neste grupo estão reunidos fatores como a criatividade, busca pela beleza, objetivo de produção de adornos, individualidade da peça, já que a mesma é assinada e elaborada tendo em vista sua originalidade. Também é relevante o fato do indivíduo criar e precisar o tempo em que pratica seu trabalho. Estes fatores excluem o grupo das características folclóricas.

A seguir, pode-se analisar o gráfico 02 e, em seguida, a tabela contendo as informações relacionadas às variáveis deste grupo:

GRÁFICO 02: Análise das Variáveis: Artes Plásticas.



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

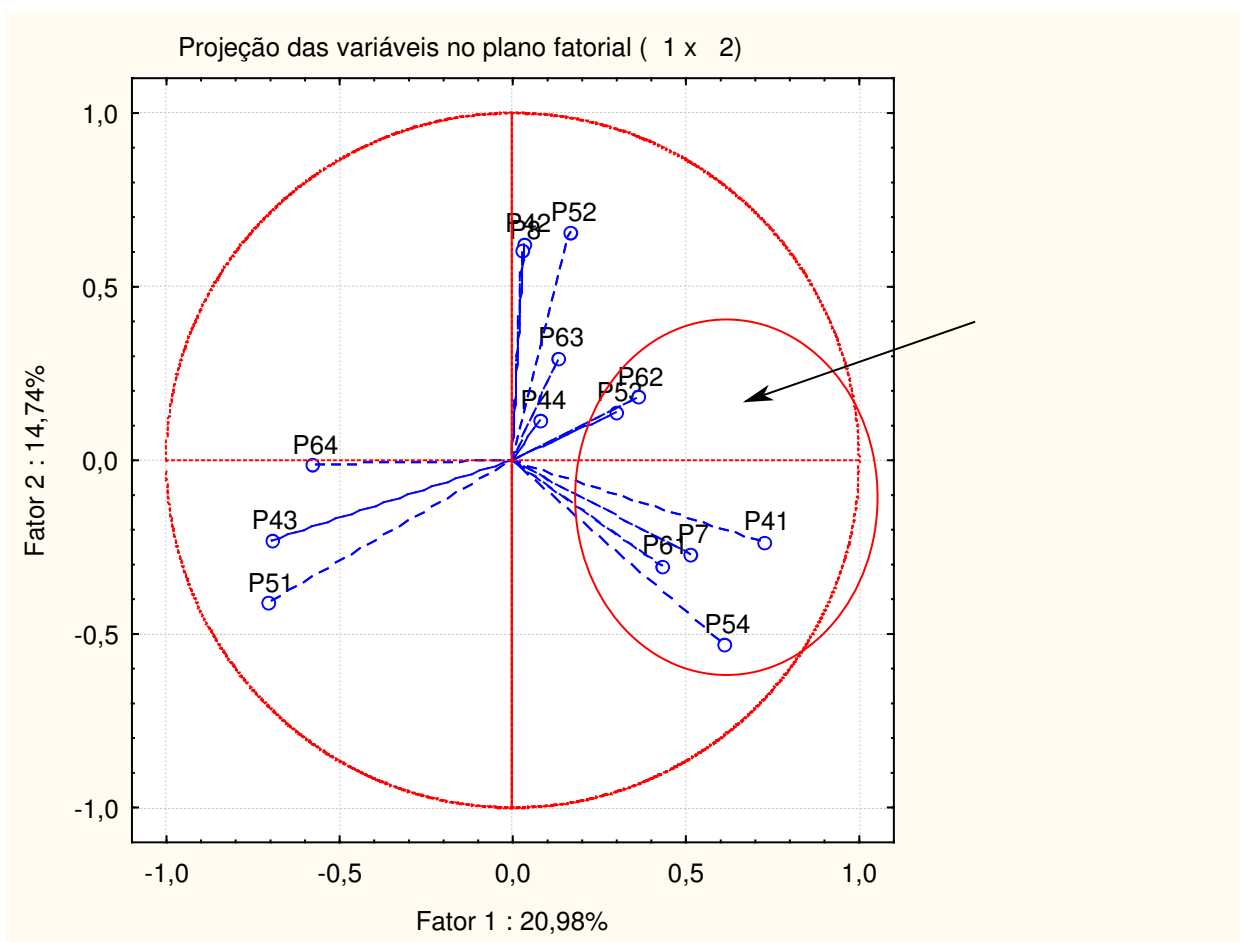
TABELA 03: Grupo de Variáveis correspondentes às Artes Plásticas.

variável	Respostas do questionário:
P42	Não aprendeu, criou.
P44	Desenvolveu as técnicas de outra forma.
P52	Realiza seu trabalho num período que compreende de dez a vinte anos.
P53	Realiza seu trabalho há mais de trinta anos.
P62	O fator principal ao produzir é buscar a beleza, para adorno, enfeite.
P63	O fator principal ao produzir é buscar a originalidade, criatividade
P8	Assina o trabalho

Já no gráfico 03, observa-se a formação de um ângulo agudo formado entre as variáveis dos grupos ligados ao artesanato e arte folclórica. Essa correlação existe porque, de acordo com CASCUDO (1978), a arte folclórica consiste na expressão artística de uma comunidade. Ou seja, o objetivo de produzir, é a busca pela beleza com a intenção de confeccionar um adorno. Porém, a peça produzida não é assinada.

A identidade desta arte pertence a um povo, e o conhecimento das técnicas é tradicional, ou seja, aprendido com a família ou membros da comunidade, e pelo uso, será transmitido às novas gerações. Daí verifica-se nesta arte características folclóricas.

GRÁFICO 03: Análise das Variáveis: Arte Folclórica.



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

As variáveis agrupadas no gráfico 03 apresentam elementos relacionados à arte e ao folclore, como pode-se observar na tabela a seguir:

TABELA 04: Grupo de Variáveis correspondentes à Arte Folclórica.

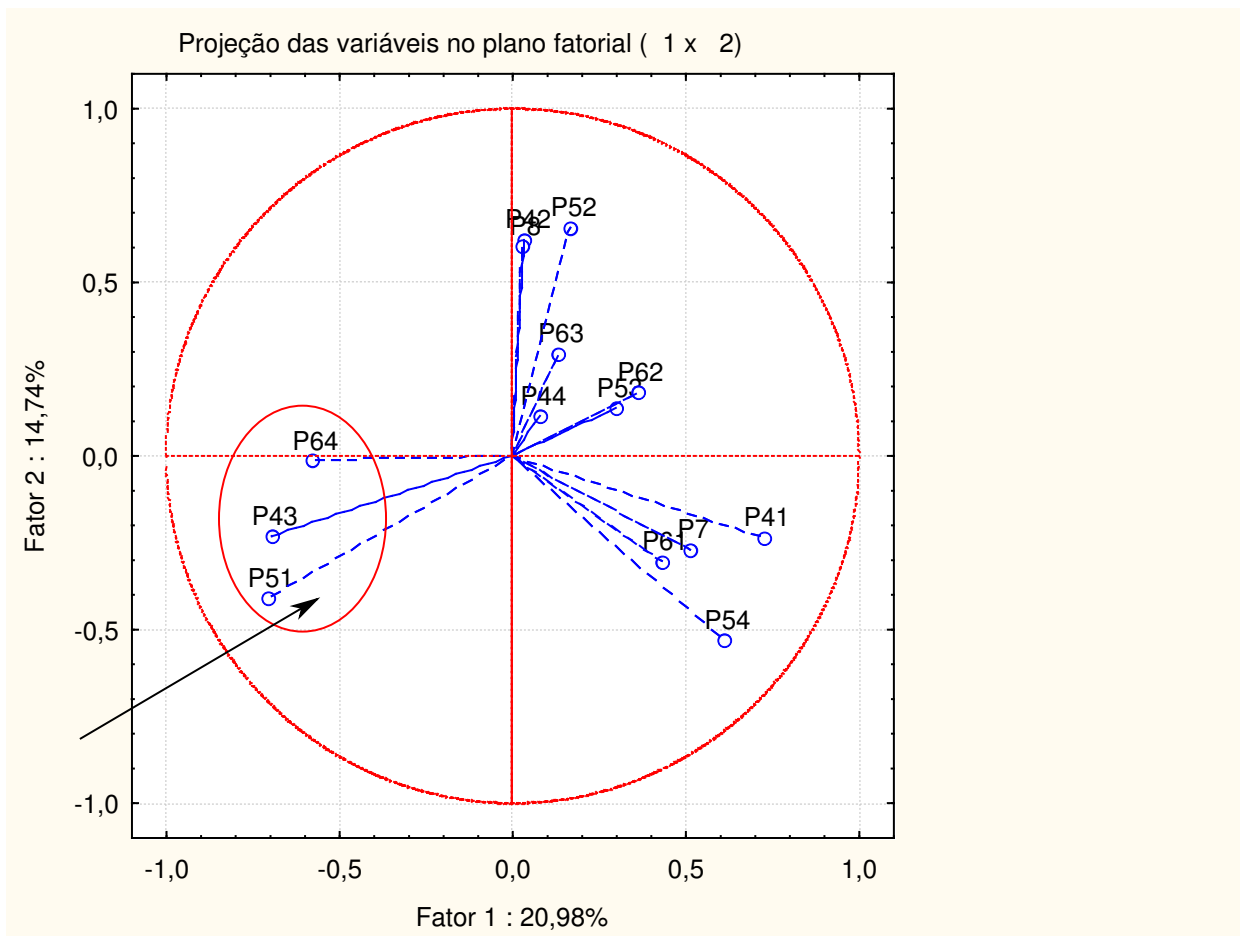
variável	Respostas do questionário:
P41	Aprendeu arte com família e membros de sua comunidade
P52	Realiza seu trabalho num período que compreende de dez a vinte anos.
P54	Não pode mensurar o tempo em que se pratica a arte folclórica
P61	O fator principal para produzir é a utilidade
P62	O fator principal ao produzir é buscar a beleza, para adorno, enfeite.
P7	A arte está relacionada ao local de origem pelo histórico, forma, tema e matéria-prima.

O gráfico seguinte apresenta as variáveis que possibilitam a formação de um grupo de produtores de artigos manufaturados. Esse grupo possui características particulares, como a forma de aprendizado, que geralmente se dá pela leitura de revistas e outras publicações especializadas, participação em cursos presenciais ou em programas de televisão. Os indivíduos caracterizados neste grupo produzem seus artigos para serem comercializados ou como forma de ocupação do tempo livre e diversão.

Os critérios estabelecidos para se diferenciar produtores de artigos manufaturados dos artesãos são as variáveis que indicam que há precisão de tempo no conhecimento de técnicas de confecção dos artigos, bem como fatores que demonstram que o aprendizado é desvinculado do convívio familiar e de membros da comunidade em que estão inseridos.

Para análise do grupo de variáveis abordadas anteriormente, segue o gráfico 04 e logo abaixo, a tabela contendo as mesmas:

GRÁFICO 04: Análise das Variáveis: Manufaturas.



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

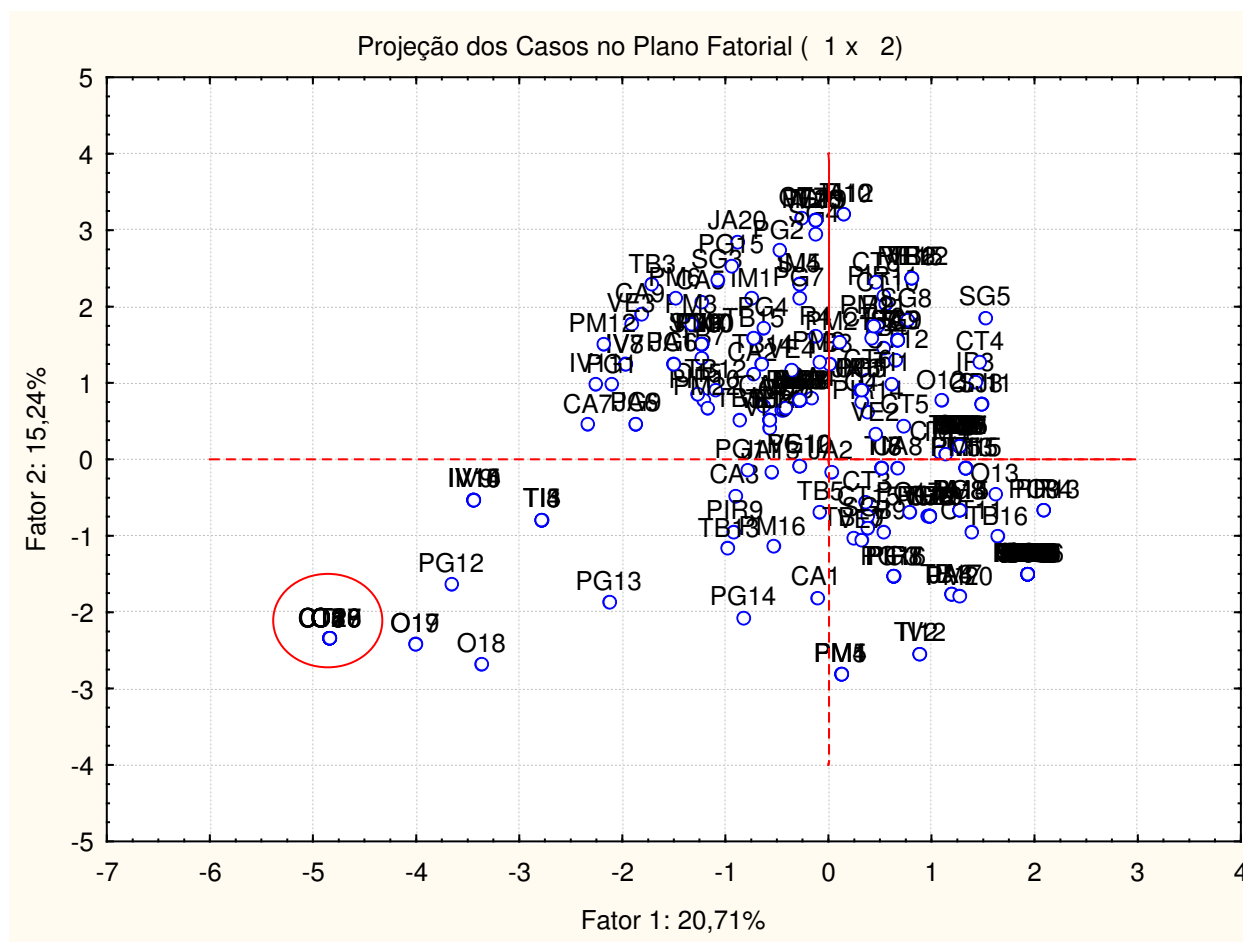
TABELA 05: Grupo de Variáveis correspondentes às Manufaturas

variável	Resposta do questionário:
P43	Aprendeu o trabalho por meio de revistas, tevê, cursos presenciais ou não.
P51	Realiza o trabalho há menos de dez anos.
P64	Os fatores principais para a produção são passar o tempo, diversão, terapia ocupacional ou comércio.

Verifica-se que foi possível visualizar, por meio de representação gráfica da Análise das Variáveis, maneiras como elementos em comum contribuem para a formação dos grupos esperados nesta pesquisa.

Os gráficos a seguir foram elaborados por meio da técnica Análise de Casos, com a utilização das variáveis P38 a P8, na qual foi demonstrada a aproximação de indivíduos conforme suas características em comum, identificadas nos questionários. Assim, pode-se analisar a relação entre os mesmos e estabelecer os grupos de artesãos, artistas plásticos, artistas folclóricos e produtores de artigos manufaturados, como proposto anteriormente.

GRÁFICO 05: Análise dos Casos: Artesanato.



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

Analisando-se o gráfico 05, pode-se observar um grupo inserido no círculo vermelho. Os indivíduos reunidos neste grupo possuem tanta aproximação por variáveis em comum, que estão sobrepostos, apresentando dificuldade de interpretação.

Por meio de recursos disponíveis no programa Statistica, foi possível identificar os indivíduos sobrepostos que compõe o grupo em destaque: O1, O2, O3, O5, O6, O7, O8, CT16, CT17, CT18, CT19 e CT20. A letra “O” corresponde ao município de Ortigueira e “CT” ao município de Castro. Nota-se que o grupo destacado está distanciado dos demais do gráfico por possuírem características bem definidas e distintas dos demais.

Após a identificação dos indivíduos, foi possível analisar os questionários e observar as características de cada indivíduo entrevistado. Comparando-se tais características com os grupos de variáveis apresentadas nas tabelas 02 a 05, conclui-se que o grupo destacado é o grupo de artesãos.

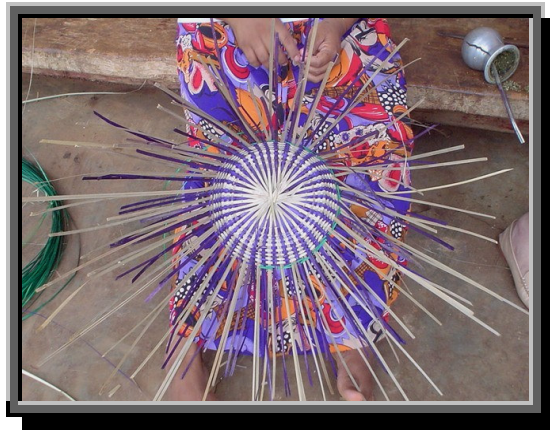
As figuras, em seguida, demonstram peças de artesanato identificadas no município de Ortigueira.

FIGURAS 13 E 14: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR



FONTE: Acervo de Nadia Terumi Joboji, 2006.

FIGURAS 15 E 16: Artesanato Identificado em Ortigueira-PR



FONTE: Acervo de Nadia Terumi Joboji, 2006.

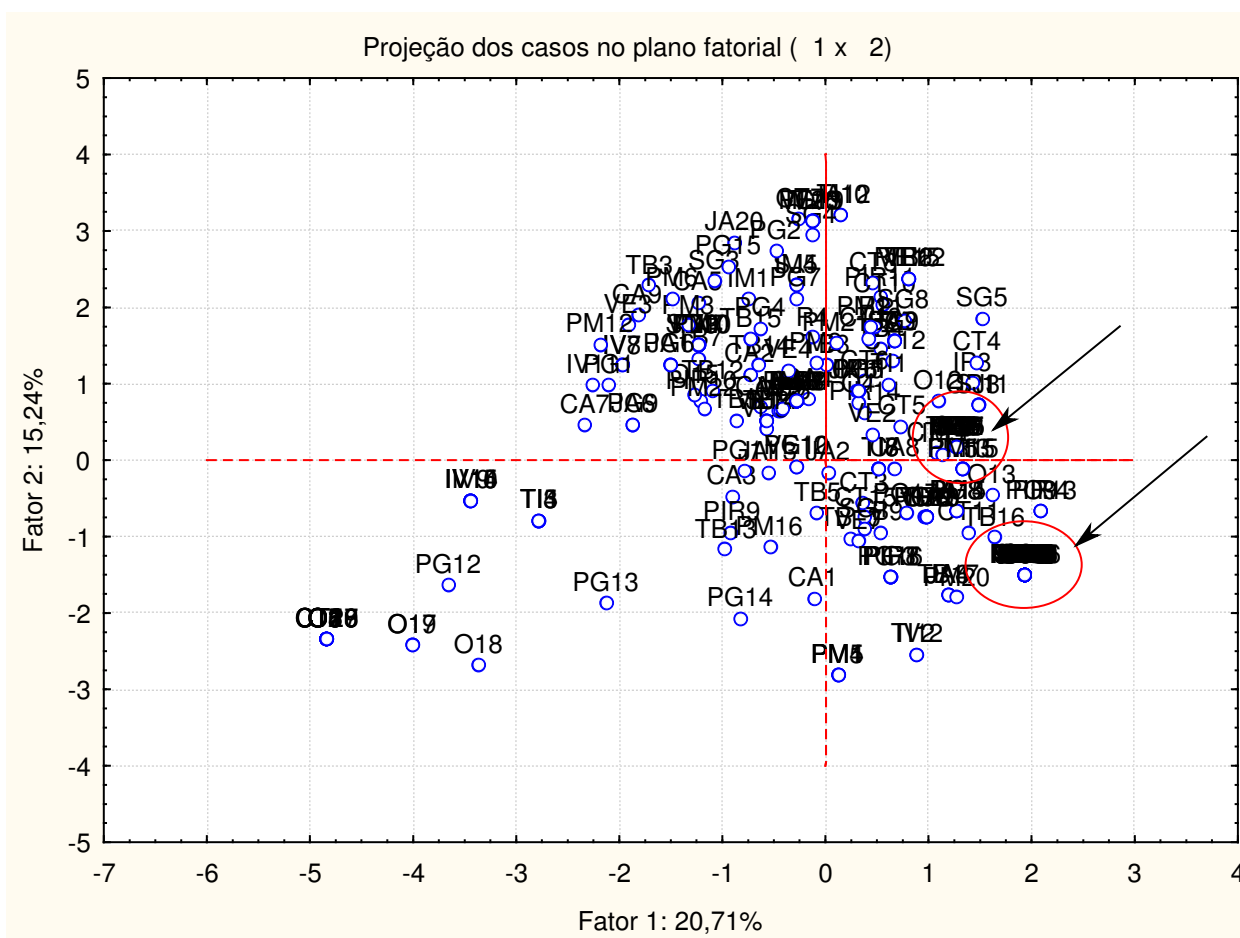
FIGURAS 17 E 18: Artesanato identificado em Castro-PR



FONTE: Acervo de Ana Fabiola Kotecki, 2006.

O gráfico 05 demonstrou que o grupo de artesãos da região dos Campos Gerais possuem características de acordo com os conceitos de CASCUDO (2001). As categorias de artistas plásticos, artistas folclóricos e produtores de artigos manufaturados também podem ser identificados por grupos nos gráficos a seguir.

GRÁFICO 06: Análise dos Casos: Artes Plásticas.



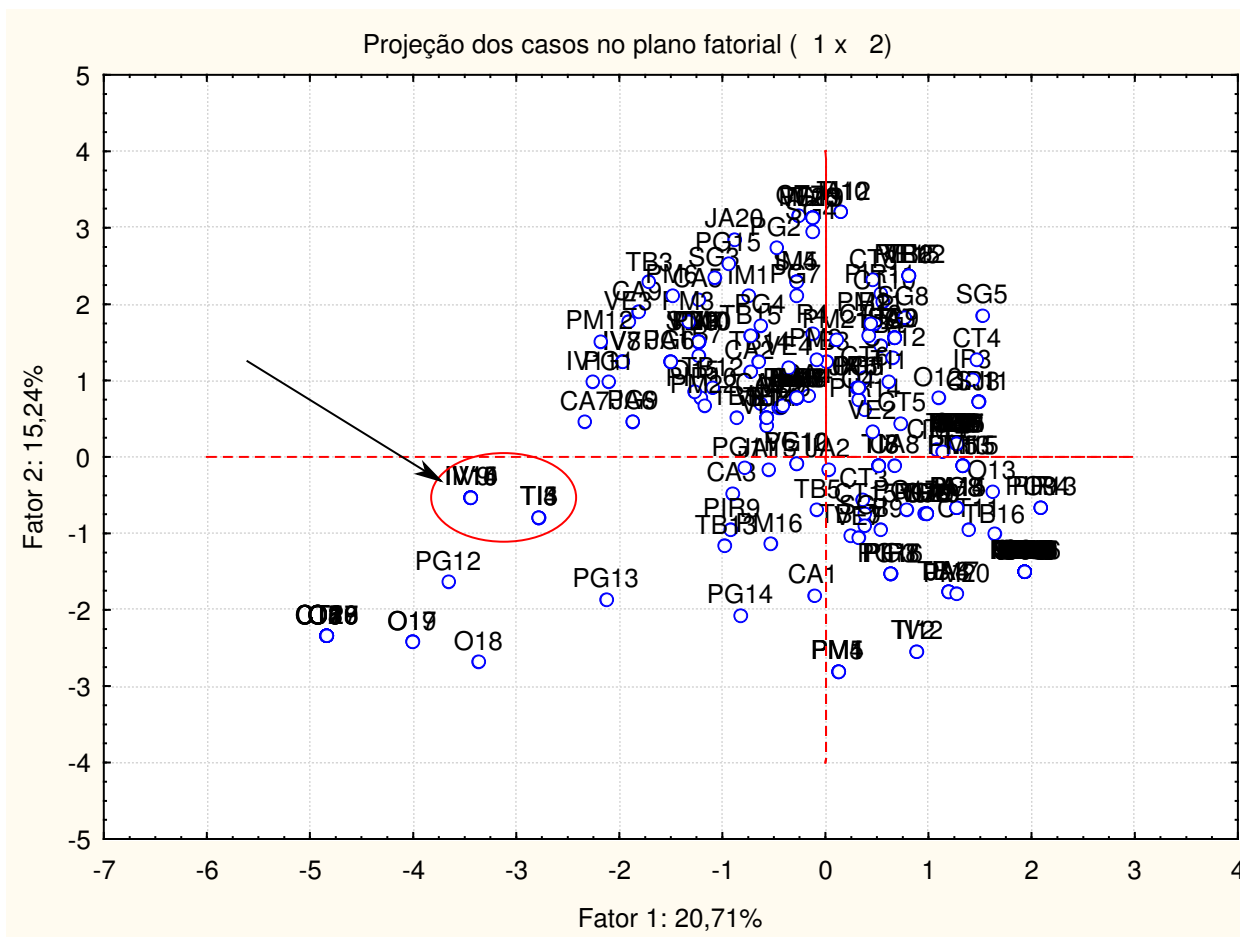
FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

No gráfico anterior, podem-se observar dois grupos, ambos com características acentuadamente semelhantes que, por isso, se sobrepuseram. Com auxílio de recursos do programa Statistica, foi identificado cada indivíduo. As características se

aproximaram das categorias relacionadas às artes plásticas, que consistem na criatividade, originalidade e individualidade. São integrantes do grupo: CT14, IM5, PG7, PIR5, TB9, TB12, TI9, PM6, IV4, PG3, JA4, representados por diversos municípios. Estes indivíduos apresentam-se em dois grupos devido a diferenças no tempo em que se pratica as artes plásticas entre eles e os objetivos por produzir.

O grupo de arte folclórica também pode ser identificado no gráfico, conforme se verifica:

GRÁFICO 07: Análise dos Casos: Arte Folclórica.



FONTE: Programa Statistica-UNIVALI, 2006.

No caso do gráfico 07 verifica-se a aproximação de dois grupos semelhantes. Um grupo consiste na reunião de indivíduos de Ivaí, sendo estes, IV14, IV15, IV9, IV10 e indivíduos de Tibagi, sendo TI14, TI15, TI16, TI17, TI18.

Com relação à categoria dos artigos manufaturados, nota-se que não é possível identificar um grupo isolado, como foi feito nos grupos anteriores, pois a maioria dos indivíduos entrevistados e caracterizados como produtores de manufaturas apresentam grande variedade de objetos e os dados coletados são heterogêneos.

Em razão disso, os indivíduos ficaram dispostos por todo gráfico e não em grupos isolados. Existem, entretanto, alguns agrupamentos formados entre os produtos manufaturados, conforme a semelhança entre algumas produções. Contudo, não será realizado um maior aprofundamento entre os mesmos, pois este não é o objetivo da presente pesquisa.

Em suma, a primeira etapa da pesquisa foi concluída e os seus objetivos foram alcançados, já que foi possível identificar grupos para as categorias artesanato, artes plásticas, arte folclórica e manufaturas. A partir da identificação do grupo de artesãos, foi aplicado um questionário aos mesmos. A transcrição das entrevistas pode ser verificada nos apêndices F e G, (p. 101 e 108). A análise dos resultados apresentados até o momento, bem como a discussão das pesquisas posteriores serão abordados no item 4.1 a seguir.

(COMUNIDADES IDENTIFICADAS)

4.1 Discussão dos Resultados

Para a discussão dos resultados, salienta-se que a utilização de técnicas de estatística para análise dos dados coletados oportunizou a identificação dos grupos previamente estabelecidos. Os grupos apresentaram-se conforme as variáveis determinadas, favorecendo a sua interpretação. O maior grupo é o das manufaturas, que possui dados mais heterogêneos. Porém, a análise dos resultados se realizou com a utilização dos gráficos elaborados, com a observação dos dados coletados e as fotografias obtidas nos locais de entrevista, tornando possível a análise de todos os grupos. O primeiro grupo a ser abordado é o formado por artesãos.

4.1.2 Artesanato

O grupo dos artesãos é composto por indivíduos de dois municípios da região dos Campos Gerais do Paraná: Ortigueira e Castro. Em Ortigueira, foram pesquisados vinte indivíduos, mas somente parte destes foram identificados conforme os conceitos de CASCUDO (2001).

Após a análise dos gráficos, conclui-se que os artesãos encontrados neste município são habitantes da Reserva Indígena de Queimadas. Em Castro, os resultados demonstraram que os artesãos podem ser identificados no distrito do Socavão, conforme a figura 19 (p.73). Para a discussão dos resultados foi abordada cada comunidade identificada, destacando-se suas características e os dados obtidos.

- Reserva de Queimadas, Ortigueira-PR:

A Reserva de Queimadas está localizada no município de Ortigueira. É uma área indígena protegida pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio e foi criada no dia 23 de maio de 1996. A etnia dos habitantes da reserva é Kaingangue, pertencentes ao tronco lingüístico Macro-Jê. Conforme a FUNAI, atualmente vivem 453 habitantes na reserva, sendo 80 crianças.

FIGURA 20: Reserva Indígena de Queimadas



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

A área da reserva abrange 244.617 alqueires (dados da FUNAI, 2006) e está localizada em uma região próxima a área urbana de Ortigueira, conforme pode-se observar na figura 19 (p.73). Nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul existem diversas terras kaingangues protegidas pela FUNAI (ver mapa em anexo B, p. 114). No Paraná existem as seguintes reservas:

TABELA 6: Reservas Indígenas no Paraná

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Apucarana	Londrina
Barão de Antonina	São Jerônimo da Serra
Barão Tibagi	São Jerônimo da Serra
Boa Vista	Laranjeiras do Sul
Faxinal	Cândido de Abreu
Ivaí	Manoel Ribas e Pitanga
Laranjinha	Santa Amélia e Abadia
Mangueirinha	Mangueirinha, Chopinzinho e Coronel Vivida
Marrecas	Guarapuava e Turvo
Ortigueira	Ortigueira
Palmas	Palmas
Pinhalão	Palmas
Queimadas	Ortigueira
Reconquista e Bandeirantes	Guaira e Tupãssi
Rio das Cobras	Nova Laranjeiras e Espigão Alto do Iguaçu
São Jerônimo	São Jerônimo da Serra
Tibagy Mococa	Ortigueira
Tigre	Laranjeira do Sul

FONTE: www.funai.gov.br

Na Reserva de Queimadas foram entrevistadas seis artesãs (ver entrevistas em apêndice F p.101). Somente as mulheres fazem trabalhos artesanais. Aos homens cabe a função de coletar a taquara, uma planta que depois de seca, pode ser desfiada e trançada. A secagem da taquara, bem como a separação das fibras é realizada por eles.

FIGURA 21: Taquara Secando Sob o Sol



FONTE: acervo da autora, 2006.

Após o trabalho de secagem e separação das fibras, as mulheres separam a palha conforme as tonalidades existentes. Além disso, parte da palha é tingida com uso de anilina, uma tinta industrializada. Quando questionados sobre esta forma de tingimento, os kaigangues afirmaram que poderiam utilizar pigmentos naturais, obtidos da natureza, porém, consideravam mais fácil utilizar a anilina, que compram de um missionário religioso, residente às proximidades da reserva.

Sabe-se que a cultura é um elemento dinâmico e pode mudar com o tempo. O fato dos indígenas utilizarem anilina para o tingimento da palha não é um motivo para a desvalorização dos trabalhos artesanais dos kaigangues, pois é natural que aceitem uma forma de tingimento mais fácil de ser executada. Além disso, os índios manifestam admiração às tonalidades fortes da tinta artificial, que na natureza eles não encontram.

Para o mercado de artesanato a utilização de anilina pode ser prejudicial, pois se valoriza o produto natural. Porém, os kaigangues estão satisfeitos com seus artesanatos. Demonstraram orgulho em mostrá-los durante a pesquisa e foi possível

observar artesãs tingindo e trançando a palha. Em todas as casas visitadas verificou-se que o artesanato é um objeto utilizado nas tarefas diárias.

As artesãs entrevistadas demonstraram habilidade e delicadeza ao fazer seus trabalhos, além de possuírem várias técnicas de trançados. As cores utilizadas nas peças observadas variam em tons de verde, vermelho, roxo e rosa. Algumas peças são confeccionadas com palhas finas e outras um pouco mais grossas. As mulheres aprenderam a fazer artesanato com suas mães e verificou-se que suas filhas já aprendem com elas também.

FIGURA 22: Artesanato na Varanda – Reserva Indígena de Queimadas



FONTE: Acervo de Nádia Terumi Joboji, 2006.

Encontrou-se na reserva uma grande variedade de artesanato, no que se refere à utilidade, tamanho, cores e tonalidade da palha. Pode-se afirmar, conforme citaram as artesãs entrevistadas, que a comunidade produz balaios, peneiras, arcos, flechas, chapéus, chocalhos e pás de taquara, uma espécie de peneira.

FIGURA 23: Artesã trançando a palha – Reserva Indígena de Queimadas



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

FIGURA 24: Menino com Chocalho – Reserva Indígena de Queimadas



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

Os índios utilizam todas as peças que produzem, com exceção do arco flecha, que afirmaram produzir para serem comercializados. Segundo o marido de uma artesã entrevistada, arcos e flechas possuem grande aceitação entre os consumidores. O artesanato dos kaingues é comercializado informalmente pelos homens da comunidade, que viajam pela região, ofertando seus produtos nas ruas ou em estações rodoviárias.

Deve-se salientar que o conhecimento dos homens kaingues para coletar a taquara, secá-la e separar suas fibras, bem como o conhecimento das mulheres para trançar a palha e confeccionar produtos utilitários para o trabalho diário da comunidade constitui-se em um patrimônio cultural imaterial do povo kaingue.

- Distrito do Socavão, Castro-PR:

O distrito do Socavão tem sua origem ligada a história dos Campos Gerais, por isso, a identidade da população deste local é influenciada pela cultura indígena, dos tropeiros, dos negros descendentes de escravos e dos imigrantes europeus. A economia é baseada na produção agrícola, a qual se verifica grandes e pequenas propriedades.

No Socavão encontra-se uma pequena estrutura urbana e uma vasta área rural. Na área rural existem em destaque três localidades: Serra do Apon, Mamans (ou Mamãs) e Limitão. A pesquisa de campo abordou parte da zona rural do Socavão, mas não envolveu tais localidades.

A paisagem do local é caracterizada por matas nativas, florestas exóticas de eucalipto e *pinus*, campos nativos e desmatados para a agricultura, morros, além de rios e cachoeiras. O Socavão está localizado há aproximadamente cinquenta quilômetros da área urbana de Castro, conforme figura 19 (p.73).

Nesta pesquisa, foram feitas quatro entrevistas. Os demais artesãos identificados na primeira etapa da pesquisa, pelo questionário, encontravam-se trabalhando na lavoura de milho durante todo o dia, não havendo possibilidade de entrevistá-los. A pesquisa foi realizada nas casas de cada artesão, havendo entre as mesmas uma longa distância a ser percorrida, diferentemente da comunidade kaingangue, abordada anteriormente, onde os indivíduos concentravam-se no mesmo ambiente.

Dentro das casas dos artesãos foi possível encontrar várias peças em uso, como balaios e peneiras. Nesta localidade, homens e mulheres fazem artesanato como um utilitário para seus trabalhos diários. O trançado para a confecção de peneiras é variado conforme os objetivos de uso. Os menores espaçamentos servem para a produção de farinha e os maiores para a produção de biju, uma massa a base de farinha de mandioca.

O artesanato do Socavão é produzido com a palha da taquara, assim como os kainganges de Ortigueira. No entanto, as fibras são mais largas e não há tingimento algum. São trabalhos que valorizam a coloração natural da taquara, que é coletada na própria localidade.

Diferentemente do que se verificou na Reserva de Queimadas, os indivíduos entrevistados no Distrito do Socavão não demonstram tanto orgulho pelo seu trabalho, manifestando, muitas vezes, desinteresse pelas peças. Alguns artesãos do local comercializam seu artesanato, mas nenhum dos entrevistados produz suas peças por questões financeiras.

O conhecimento sobre o uso da taquara para trançados e confecção de objetos é notável, pois os indivíduos entrevistados afirmaram saber produzir, além de balaios e peneiras, redes, esteiras para dormir, baixeiros, dentre outros. Estes artigos são herança dos diferentes povos que formaram a identidade do local, como, por exemplo, os balaios, de influência indígena e as esteiras, levadas pelos tropeiros. Apesar da

variedade cultural do Distrito do Socavão, na área que foi realizada a pesquisa, os indivíduos eram, em sua maioria, descendentes de europeus.

FIGURA 25: Artesanato Identificado no Distrito do Socavão



FONTE: Acervo da autora, 2006.

FIGURA 26: Artesanato Identificado no Distrito do Socavão



FONTE: Acervo da autora, 2006.

FIGURA 27: Cestos de Palha – Distrito do Socavão



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

Desta maneira, verifica-se que a pesquisa contribuiu para a identificação do artesanato dos Campos Gerais, bem como salientou o valor imaterial deste objeto a partir das entrevistas com os artesãos. Os conceitos de Luiz da Câmara Cascudo podem, enfim, ser aplicados aos trabalhos realizados nos municípios de Ortigueira e Castro.

Contudo, outros tipos de trabalho foram identificados na primeira fase da pesquisa, e cabe neste trabalho, discutir os dados obtidos, conforme os objetivos estabelecidos. Desta forma, será analisado o grupo dos artistas plásticos a seguir.

4.1.2 Artes Plásticas

Por meio da pesquisa, verificou-se que muitos artistas consideram-se artesãos, mas as características relacionadas à originalidade, criatividade, busca pela beleza e reconhecimento individual, caracterizam as peças como artes plásticas.

Todos os trabalhos identificados consistem em pintura em tela e madeira, havendo a variação da tinta, que pode ser acrílica ou óleo. Este tipo de pintura foi identificado por toda região e não há municípios com presença significativa de artistas plásticos.

FIGURA 27: Tela a Óleo de Artista Plástico de Ponta Grossa



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

Destaca-se que somente os trabalhos relacionados com criatividade, originalidade e individualidade caracterizaram-se como artes plásticas. Objetos de arte com características próximas aos artigos manufaturados foram incluídas neste grupo. Com origem folclórica foram incluídos no grupo das artes folclóricas, como se vê a seguir.

4.1.3 Arte Folclórica

FIGURA 29: *Pêssankas* produzidas em Ivaí-PR



FONTE: Acervo da Autora, 2006.

Na região dos Campos Gerais do Paraná existem objetos de arte folclórica. Essa arte caracteriza-se pela produção de ornamentos, ou seja, a beleza é o objetivo principal. No entanto, os artistas possuem técnicas semelhantes entre si, adquiridas pelos familiares e outras pessoas do seu convívio e possivelmente transmitidas às próximas gerações. Objeto de arte folclórica possui identidade com o local onde é confeccionado. Não é assinado, pois o fator coletivo sobrepõe-se ao individual.

Foi identificada a arte folclórica em dois municípios. Em Ivaí destacam-se os ovos de galinha e de madeira pintados, denominados *pêssankas*. O conhecimento para confeccionar as *pêssankas* vem dos povos eslavos que imigraram para a região. Produzem estas peças para comemorar a festa cristã denominada Páscoa. Cada objeto possui características próprias de quem o pintou, mas as técnicas são comuns a toda comunidade, uma característica acentuada do folclore.

Em Tibagi, a arte folclórica identificada é expressa por trabalhos em lã. Há gerações existe nesta localidade produtores de tapetes em lã de carneiro. Os teares são muito valorizados no município e assim, muitas pessoas fazem cursos para aprender um novo ofício. Porém, identificou-se muitos indivíduos que produzem tapetes de lã há gerações. A caracterização como objeto de arte folclórica ocorreu devido à preocupação acentuada com a beleza dos objetos e não tanto com a sua utilidade. Outras peças de tear foram identificadas na região, porém, sem as mesmas características folclóricas.

4.1.4 Manufaturas

FIGURA 29: Enfeites de *Biscuit* produzidos em Piraí do Sul -PR



FONTE: Acervo de Nádia Terumi Joboji, 2005.

Os objetos manufaturados apresentaram-se em maior quantidade e variedade na presente pesquisa. Em razão dessa diversidade, optou-se por destacar alguns itens de maior incidência:

- Peças com o uso de material para modelagem: Enfeites de resina, *biscuit*⁹, materiais reciclados, vasos de porcelana, esculturas em argila, velas de cera aromatizada, sabonetes de glicerina decorados;
- Arranjos e enfeites utilizando elementos da natureza: arranjo de flores secas e vivas, palha de milho, arranjos com conchas e pedras, sementes;
- Alimentos considerados caseiros: licores, geléias, doces em compotas, biscoitos, frutas desidratadas;
- Objetos manufaturados a partir de matérias-primas diversas: caixas de madeira, cestos de jornal, figuras em palha de milho, vitrais, esteiras de mesa de corda, enfeites com estopa, isopor, espuma, dobraduras de papel, flores de meia de seda, bijuterias;
- Pinturas: pinturas em tecido e panos de prato, pintura em papel, telhas de barro, vidro, madeira, porcelana, borracha;
- Peças de corte e costura: jogos de cama, toalhas de mesa, toalhas de banho, panos de prato, capa para gás de cozinha, cortinas, colchas para bebês;
- Manufaturas em lã, barbante, linha: blusas, sapatos e mantas de tricô, toalhas, bolsas de crochê, tapeçaria, tear de lã, bordados em ponto cruz, fita, vagonite.

Esses objetos citados constituem-se em um setor econômico e deve ser valorizado. No entanto, não podem ser considerados artesanato, conforme os conceitos de CASCUDO (2001), pois não são produções tradicionais, relacionadas com a identidade local. O mercado de compra e venda de artesanato não faz e nem fará esta distinção, mas a partir do momento em que se projeta o turismo, envolvendo-se o artesanato nos objetivos de trabalho, o conhecimento sobre as características das diversas formas de trabalhos manuais devem ser compreendidas, tendo em vista a preocupação com o patrimônio cultural local.

⁹ Massa caseira a base de amido de milho e cola branca, colorida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região dos Campos Gerais do Paraná apresenta uma grande variedade de atrativos naturais e culturais, e neste trabalho, buscou-se estudar o artesanato regional, que vem se destacando em meio a iniciativas públicas e privadas de apoio e desenvolvimento do turismo.

Por esta razão, esta pesquisa buscou uma maior compreensão do artesanato regional, por meio de uma pesquisa de campo que oportunizou o levantamento de dados sobre as diversas produções existentes, bem como a identificação de comunidades tradicionais de artesãos e posteriormente a análise dos mesmos.

O levantamento bibliográfico possibilitou que a pesquisa de campo fosse realizada com êxito, pois os conceitos de Câmara Cascudo conduziram as categorias elencadas para a aplicação e análise dos questionários.

Como resultado, foram identificadas duas comunidades distintas, uma no município de Ortigueira, de origem indígena kaingangue e outra, no distrito do Socavão em Castro, cuja comunidade apresentou origem européia com presença de negros e indígenas. Embora ambos os grupos de artesãos utilizem a taquara como matéria prima, concluiu-se que os trabalhos possuem características diferentes entre si. Desta forma, constatou-se que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados e a metodologia foi adequada para a obtenção dos mesmos.

Diante disso, a região dos Campos Gerais do Paraná possui potencial turístico seja nos seus aspectos naturais e sócio-culturais e, após este estudo, tem-se a confirmação do valor dos aspectos de confecção e utilidade doméstica e para a venda dos produtos confeccionados artesanalmente. Os organismos ligados ao setor já vêm promovendo a

região com um produto, e, conforme se destacou, o artesanato local está diretamente ligado à oferta turística da região, principalmente pela Rota dos Tropeiros.

Contudo, o estudo mostrou também a necessidade de maior aprofundamento no que tange à identificação do artesanato local, pois as suas técnicas de produção se constituem em um bem imaterial que caracteriza a região como um todo e que deverá merecer a atenção especial dos gestores.

Ressalta-se este fato na necessidade da consideração do turismo pelo intenso envolvimento dos turistas com os aspectos naturais e sócio-culturais das localidades visitadas, aspecto que este estudo abrangeu dentro das possibilidades e da abrangência pretendida, tendo seu foco no artesanato.

Acredita-se e sugere-se que este estudo sirva de apoio para estudos futuros, mais detalhados, que, certamente, contribuirão para a preservação deste significativo patrimônio cultural dos Campos Gerais no Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos de pós – graduação –** noções práticas. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARANTES, A. A. **O Que é Cultura Popular?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARTE E ARTESANATO FOLCLÓRICOS** in MARTINS, Saul. Cadernos de Folclore, 1976.
- HOLANDA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, M. **Planejamento e Organização em Turismo**. 2ª Ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- BARRETO, M., BANDUCCI, Á. **Turismo e Identidade Local –** uma visão antropológica. Campinas: Papyrus, 2001.
- BENI, M. C. **Caracterização da Natureza dos Fluxos para a Classificação da Demanda para o Turismo –** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, 1981.
- BOSI, A. **Cultura Brasileira: Tradição e Contradição**. Rio de Janeiro: Zahar; FUNARTE, 1987.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Folclore?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOULLON, R. **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru: EDUSC, 2002.
- BORBA, T. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- BURNS, P. M. **Turismo e Antropologia**, uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.
- CASASOLA, L. **Turismo e Ambiente**. São Paulo: Roca, 2003.
- CASCUDO, L. C. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____. **Civilização e Cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 2003.
- DELLA MONICA, L. **Turismo e Folclore -** um binômio a ser cultuado. São Paulo: Global, 1999.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2001

DITZEL, C. de H. M. e SAHR, C. L. L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.

GASTAL, S. (org). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GASTAL, S., CASTROGIOVANNI, A.C. (orgs). **Turismo na Pós Modernidade – (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Porto Alegre: Bookmann, 2002.

HALL, C. M. **Planejamento Turístico, políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

HILAIRE, A. S. **Viagem à Curitiba e a Província de Santa Catarina**. São Paulo: Itatiaia, 1978.

IDH–Índice de Desenvolvimento Humano disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas> em 04 de novembro de 2005.

MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

MARTINS, S. **Folclore Brasileiro: Minas Gerais**. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFMG/MC, 1982.

MELO, M. S; FONSECA. L. M. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. UEPG/GEGEO disponível em <http://www.uepg.br/natural/relatoriofinal.pdf> em 22 de maio de 2003.

MOESCH, M. A **Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MURTA, S. M. e ALBANO C. **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PELEGRINI F.A. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.

PEREIRA, J. C. R. **Análise de Dados Qualitativos – Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e Espaço** – turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

POVOS KAIGANGUES disponível em <<http://www.isa.org.br.htm>> em 10 de outubro de 2006.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL in BRAGA, Luiz. RT Informa – Revista *Et caetera..* JAN/FEV 2005

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável** – a proteção ao meio ambiente. Campinas: Papirus, 1999.

MAPA CAMPOS GERAIS disponível em <http://www.uepg/dicion/campos_gerais.htm> 27 de maio de 2005.

PATRIMÔNIO CULTURAL disponível em <<http://www.iphan.gov.br>> em 25 de setembro de 2004.

Reserva Indígena de Queimadas disponível em <<http://www.funai.gov.br.htm>> em 12 de março de 2006.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1997

SEBRAE disponível em <<http://www.sebrae.com.br>> em 20 de janeiro de 2004.

SOARES, O. **O Andarilho das Américas** – Cabeza de Vaca. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

UNESCO disponível em <<http://www.unesco.org/culture>> 20/01/04, 22:15h.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: Modelo de Entrevista - 1ª Etapa da Pesquisa.....	94
APÊNDICE B: Tabulação dos Dados Obtidos na 1ª Etapa.....	96
APÊNDICE C: Legendas utilizadas para os municípios.....	98
APÊNDICE D: Legendas utilizadas para as perguntas.....	99
APÊNDICE E: Roteiro de Entrevista – 2ª Etapa da Pesquisa.....	100
APÊNDICE F: Transcrição das Entrevistas: Ortigueira-PR.....	101
APÊNDICE G: Transcrição das Entrevistas: Castro-PR.....	108

APÊNDICE A

1ª ETAPA: ENTREVISTA ESTRUTURADA (aberta e fechada)

nome: _____ tel: () _____

1. Município de origemEstado.....

2. Município onde reside.....Estado.....

3. Que tipo de artigos produz?

.....
.....
.....

4. Como aprendeu estas técnicas?

aprendeu com família ou com membros da sua comunidade

não aprendeu, criou

revistas/teve/cursos presenciais ou não

outros.

Especificar:.....

5. Há quanto tempo se pratica esta técnica?

.....

6. Ao produzir suas peças, o que é mais importante: (permitido mais de uma resposta)

utilidade

beleza – para que possa enfeitar

originalidade/criatividade

passar o tempo / diversão / terapia ocupacional/comércio

7. Sobre a relação do produto com a localidade.

é relacionado ao local de origem pelo histórico, forma, tema, matéria-prima.

não tem relação com o local de origem.

8. Assina o trabalho?

sim

não (o anonimato é uma forte característica do folclore)

APÊNDICE B

TABULAÇÃO* DOS DADOS, OBTIDOS NA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA:

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
CA1	ponta grossa	sim	palha de milho	1	10	3	sim	não
CA2	castro	não	tricô	1	8	4	sim	não
CA3	carambeí	sim	pintura em tecido	2	15	2	sim	não
PG1	mallet	não	palha de milho	3	12	4	não	sim
PG2	castro	sim	crochê em barbante	3	2	4	não	não
PG3	ponta Grossa	sim	Lembrança de biscuit	3	3	4	não	não
PIRI	pirai	sim	tricô, bordado	1	25	3	sim	não
PIR2	jaguariaíva	sim	peças em biscuit	3	1	4	não	não
TB1	telêmaco b.	sim	trabalho em tecido	4	4	3	sim	sim
IP1	ipiranga	sim	pintura em tela	2	8	2	não	não
CT1	castro	sim	pano de prato, bordado	1	10	4	não	não
CT2	castro	sim	peça em madeira	4	6	3	não	sim
TI1	tibagi	sim	pintura em porcelana	3	4	2	sim	não
TI2	tibagi	sim	crochê	1	15	4	sim	não
TI3	ventania	sim	tear	1	30	1	não	sim
JA1	jaguar	sim	bordado	1	35	4	não	não
JA2	jaguar	sim	pano de prato	3	5	3	não	não
PM1	palm	sim	peça em palha de milho	3	4	3	sim	sim
PM2	palm	sim	peça em madeira	2	8	4	não	sim
SJ1	são joão t.	sim	vela artesanal,sabonete	3	6	1	não	não
O9	ortigueira	sim	pintura em tela	2	4	2	não	não
O10	ortigueira	sim	crochê, tricô	1	17	4	não	não
O11	ortigueira	sim	peça em biscuit	3	3	4	sim	não
PA6	porto	sim	doces, geléias	3	20	4	não	não
IV10	ivai	sim	pessanka	1	indef.	3	não	sim

IV11	ivai	sim	bordado ponto cruz	1	20	3	não	sim
A4	arapoti	sim	peça em madeira e palha	3	10	4	não	sim
VE15	pirai	sim	pintura em tecido	4	16	4	não	não
			peça em biscuit,					
IM3	imbau	sim	porcelana	3	2	4	sim	não
SG7	senges	sim	tricô	1	10	3	não	não
R2	reserva	sim	pintura em tela	2	7	2	não	não
R3	ortigueira	sim	crochê, tricô	1	9	4	sim	não

* Este é um modelo ilustrativo, não se refere a tabulação integral dos dados.

APÊNDICE C

LEGENDAS UTILIZADAS PARA TABULAÇÃO DOS DADOS

Para os municípios pesquisados:

PONTA GROSSA.....	PG
CARAMBEÍ.....	CA
PIRAÍ DO SUL.....	PIR
TELEMACO BORBA.....	TB
IPIRANGA -.....	IP
CASTRO.....	CT
TIBAGI.....	TI
IVAÍ.....	IV
ARAPOTI.....	A
JAGUARIAÍVA.....	JÁ
PALMEIRA.....	PM
SÃO JOAO	SJ
ORTIGUEIRA.....	O
PORTO AMAZONAS.....	PA
RESERVA.....	R
IMBAÚ.....	IM
SENGES.....	SG
VENTANIA.....	VE

APÊNDICE D

Para as perguntas do questionário:

Município de Origem.....	P1
Faz parte da região?.....	P2
Que tipo de artigos produz?.....	P3
Como aprendeu estas técnicas?.....	P4
Há quanto tempo se pratica esta técnica?.....	P5
Ao produzir suas peças, o que é mais importante?.....	P6
Sobre a relação do produto com a localidade.....	P7

APÊNDICE E

2ª ETAPA: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome completo do artesão:.....

Histórico da família:

Como aprendeu a fazer o artesanato:

Como adquire a matéria prima?

Como se faz o artesanato? Contar a técnica se possível, ou o pesquisador descreve conforme sua observação.

APÊNDICE F

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA 2ª ETAPA COM ARTESÃOS DE ORTIGUEIRA-PR. RESERVA INDÍGENA DE QUEIMADAS.

Legenda:

P: Pergunta

R: Resposta

1 – Artesã O1

Idade: 16 anos

P - Aonde você nasceu?

R - Eu vim de Faxinal de Catanduvas, com a família do meu marido.

P – O que você faz de artesanato?

R – Faço balaio, peneira...

P – E com quem você aprendeu a fazer este trabalho?

R – Ah...Não sei...Todo mundo aqui faz, aprendi quando era pequena ainda.

P – Como você faz seu trabalho?

R – Ah, os maridos pegam a taquara, secam...A gente faz o trançado, tinge...

P – E para que você faz seus balaios, suas peneiras?

R – Pra usar. E pra vender também (*risos*).

P – É você quem vende suas peças?

R – Não, os maridos vendem. Eles vendem fora daqui, na estrada, em rodoviária, na cidade...

2 – Artesã O8

Idade: 40 anos

P – Você é daqui mesmo de Ortigueira?

R – Sou. Mas eu morei um tempo em Cândido de Abreu, acho que uns cinco anos.

P – Você faz artesanato, não é?

R – Faço, faço balaio, cesto, chapéu, flecha, daqueles chocalhos ali, colher de pau...

P – Desde quando você faz isso?

R – Não sei...Desde sempre...

P - Aprendeu a fazer com quem?

R – Minha mãe me ensinou.

P – E por que você faz este artesanato?

R – Porque precisa *né?* A gente aqui usa, e o que sobra vende também.

P – E você usa a taquara também?

R – Sim, a gente usa a taquara.

3 – Artesã O7

Idade: 22

P – Oi. É seu filho?

R – É.

P - Qual é a idade dele?

R – Um ano e sete meses.

P – E você casou quando?

R – ah, já faz oito anos.

P – Nossa, quanto tempo, já!

R – (*risos*) Já é o segundo casamento.

P – E você é de onde?

R – Meu pai é de Manuel Ribas, a mãe é de Candido de Abreu. Eu casei fugida (*risos*)

P – É mesmo? E tem muita briga de família aqui?

R – Tem, mas quando tem, o cacique interfere.

P – O cacique pode interferir numa briga de casal?

R – Pode, claro!

P – Como vocês escolhem o cacique?

R – De seis em seis anos tem uma eleição aberta e aí, todos votam.

P – E que tipo de artesanato você faz?

R – Balaio, peneira, chapéu...Arco e flecha...

P – Estou vendo que muitas de vocês fazem arco e flecha...Vocês usam o arco e flecha?

R – Não, (*risos*) a gente faz arco e flecha pra vender.

P – Mas as outras coisas vocês usam *né*?

R – É, as outras coisas a gente vende só quando sobra mesmo.

P – E desde quando vocês fazem este tipo de trabalho? Quem te ensinou?

R – ah...Não da pra saber... É indefinido. Eu aprendi de tanto ver a minha mãe fazendo.

P - Me explique, como vocês fazem estes trabalhos? Você usa taquara também?

R – Uso *né*, mas a taquara ta acabando...a gente as vezes tem que pegar fora da reserva. Ta tudo seco a nossa taquara.

P – E daí como vocês fazem para tingir, pra fazer estas cores bonitas?

R – Antigamente fazia com tinta que tirava no mato, mas hoje não. A gente usa anilina mesmo que é melhor.

P – Então vocês vão até a cidade comprar esta anilina?

R – Não precisa, o *Katcho* tem pra vender pra nós.

P - Quem é o *Katcho*?

R - É o pastor, ele mora aqui pertinho.

P - Dentro da reserva?

R - Não, mas a casa dele é logo ali na entrada.

4. Artesã O2

idade: 21 anos

P - Você é daqui de Ortigueira?

R - Ah, eu sou, eu moro aqui, mas eu vim de Manuel Ribas.

P - E por que você veio pra cá? Tem muita gente aqui na reserva que veio de outros lugares...Porquê?

R - É normal, a gente mudar, quando dá problema com o cacique ou outra pessoa, tem que mudar *né?*

P - É verdade, e pelo que estou vendo aqui, você faz uns artesanatos bem bonitos, *hein?* Você que fez todos eles?

R - Fui eu. Faço bastante artesanato, balaio, peneira, chapéu, arco e flecha...

P - Faz quanto tempo que você faz artesanato?

R - Ih...Não tem como eu saber...eu sempre fiz.

P - E você aprendeu a fazer com quem?

R - A gente aprende vendo os outros fazendo, de tanto ver, aprende.

P - E pra que servem estas peças? Por que você faz isso?

R - A gente usa, precisa de balaio, de peneira...e vende também!

P - O que vende mais?

R - O que sai mais é arco e flecha, balaio.

P - Esta palha é de taquara? Você também usa anilina pra tingir?

R - É, anilina é melhor.

5. Artesã O3

Idade: 24 anos

P - E você, é daqui mesmo?

R - Sou.

P - Você faz artesanato também? O que você faz?

R - Faço balaio, peneira, pá de taquara.

P - Você vende as suas coisas?

R - Ah, a gente faz bastante daí sobra e vende.

P - Desde quando você faz este artesanato?

R - Sei lá, desde pequena...Não tem como saber.

P - Os kaigangues fazem artesanato há muito tempo?

R - Muito, muitas gerações...Não tem como saber.

P - É você quem vende o artesanato?

R - Meu marido que vende.

P - E o seu marido ajuda no artesanato?

R - Eu que faço, ele pega taquara no mato, seca...

P - Como é que vocês fazem pra pegar, secar a taquara, até virar artesanato?

R - Ele pega a taquara e parte ela com a faca, estala e deixa murchar.

P - Como assim, estala?

R - Tira o caroço dentro.

P - E daí, depois? Deixou murchar, e?

R - E aí, quando ta murcho, quebra pra manusear, daí, esquenta água com tinta e ferve a taquara pra pegar a cor.

P - Tem muita taquara pra vocês pegarem aqui?

R - Não tem não... *Tá* tudo seco, ta difícil, viu...

6. Artesã O6

idade: 54 anos

P - A senhora sabe fazer artesanato também? Faz o quê?

R - Eu faço balaio, peneira, pá de arroz.

P - Como é a pá de arroz, esta eu não vi ainda?

R - É como uma peneira.

P - Ah, sei. E faz muito tempo que você faz estas coisas?

R - Faz...muito tempo...

P - Mais ou menos quanto tempo?

R - Não se sabe...Sempre.

P - E aprendeu com o pessoal daqui mesmo?

R - É, com a mãe.

P - A senhora usa as peças que faz?

R - Uso, pois eu não preciso de balaio, peneira?

P - Mas vende também não é?

R - Vendo, tem uns ali, tudo pra vender.

APÊNDICE G

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA 2ª ETAPA COM ARTESÃOS DE CASTRO-PR.
DISTRITO DO SOCAVÃO.

Legenda:

P: Pergunta

R: Resposta

1. ARTESÃO CT18

Idade: 62 anos

P - Estes cestos foram feitos pelo senhor?

R - Fui, fui eu mesmo que fiz tudo, estes daí que você *tá* vendo, são bem antigos, já tem mais de 20 anos e estão durando.

P - É verdade, e estão bonitos ainda! Faz muito tempo então que senhor sabe fazer estas coisas?

R - Ah...faz muito tempo, desde piá eu já sei fazer.

P - E quem te ensinou?

R - Foi meu pai, que já fazia...

P - E com quem será que seu pai aprendeu, o senhor sabe?

R - Foi com o pai dele, do pai, do pai...

P - Seus pais têm alguma origem indígena?

R - Nada, meu pai era filho de alemão e a família da minha mãe era de italiano...Mas não sei como aprenderam a fazer não...

P - E esta palha, é de que?

R - Isso aí é taquara, mas *tamo* feio de taquara aqui, por que ta seco, senão eu te mostrava.

P - E o senhor vende seu artesanato?

R - Não, não vendo não, a gente faz pra usar em casa. Olha essa peneira, a mulher que fez.

2. ARTESÃ CT17

Idade: 57 anos

P - A senhora que fez esta peneira? Estas duas?

R - Não, eu fiz uma, a outra eu comprei, de outra pessoa que faz, daqui mesmo.

P - E tem muita gente que sabe fazer estas peneiras?

R - Antigamente tinha mais. Agora estão deixando de fazer, porque é mais fácil comprar, e também não precisa tanto, porque a gente já compra a farinha pronta, não precisa fazer farinha. A gente usa mais para separar o feijão e fazer o biju, daí a peneira é diferente, com os furos mais largos.

P - Seu marido sabe fazer este tipo de peneira também?

R - Sabe sim!

P - E a peneira faz com taquara?

R - É com taquara, mas como ele disse, estamos sem taquara, daqui a pouco floresce e daí a gente pode fazer bastante.

P - Você aprendeu a fazer com quem?

R - Eu aprendi com a minha tia, faz muito tempo, ela fazia bastante e me ensinava.

P - E seus pais, são de onde?

R - Pois olhe, minha mãe eu sei que era índia, mas meu pai, não sei não...Ele era daqui mesmo.

3. ARTESAO CT20

Idade: 42 anos

P - O que o senhor sabe fazer de artesanato?

R - Eu faço mais é peneira, mas faço daqueles *balainhos* também, esteira, qualquer coisa que eu precisar.

P - E o senhor faz este trabalho desde quando?

R - Ih, faz muito tempo, pois eu sei fazer desde pequeno.

P - E quem te ensinou?

R - Ninguém, aprendi sozinho.

P - Então o senhor inventou este jeito de fazer balaio sozinho?

R - Não, é que todo mundo fazia, daí eu ia vendo e pegando o jeito.

P - E para que o senhor faz, para vender?

R - Vender até vende às vezes, mas eu faço mais pro uso mesmo, que nem aquela peneira, eu *uso ela*, daí quando estragar, vou ter que fazer outra, é assim. Mas *tamo* sem taquara, tem que esperar.

P - Sua família é de que origem, o senhor sabe?

R - Ah, eles são descendente de alemão.

4. ARTESÃ CT19

Idade: 30 anos

P - Esta peneira é sua? Você quem fez?

R - Fui eu.

P - Você usa taquara também?

R - É, a gente pega a taquara, deixa secar e estala, pra fazer a palha e trançar.

P - Você faz isso há muito tempo?

R - Bastante já, nem sei quando.

P - Quem te ensinou?

R - Foi a mãe, ela fazia e me mostrava como era. Meu pai sabe fazer também.

P - E aqui na região tem muita gente que sabe fazer?

R - Tem, mas ta diminuindo, o pessoal ta largando de fazer.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A: Material de Divulgação. AMCG.....	113
ANEXO B: Localização de Terras Kaigangues.....	114

Anexo C: Material de Divulgação. AMCG, 2004.

Conheça o Artesanato dos Campos Gerais!!!

Visite o centro de exposição na AMCG - Associação dos Municípios dos Campos Gerais.

Prestigie o Artesanato dos nossos 21 municípios! Você encontrará: lembranças, enfeites, artigos de decoração, enfim, as riquezas culturais feitas por artesãos da região.



Presenteie com artesanato!



*Arapoti, Cândido de Abreu,
Carambei, Castro, Curitiba,
Imbaí, Ipiranga, Ivaí,
Jaguariaíva, Lapa, Ortigueira,*

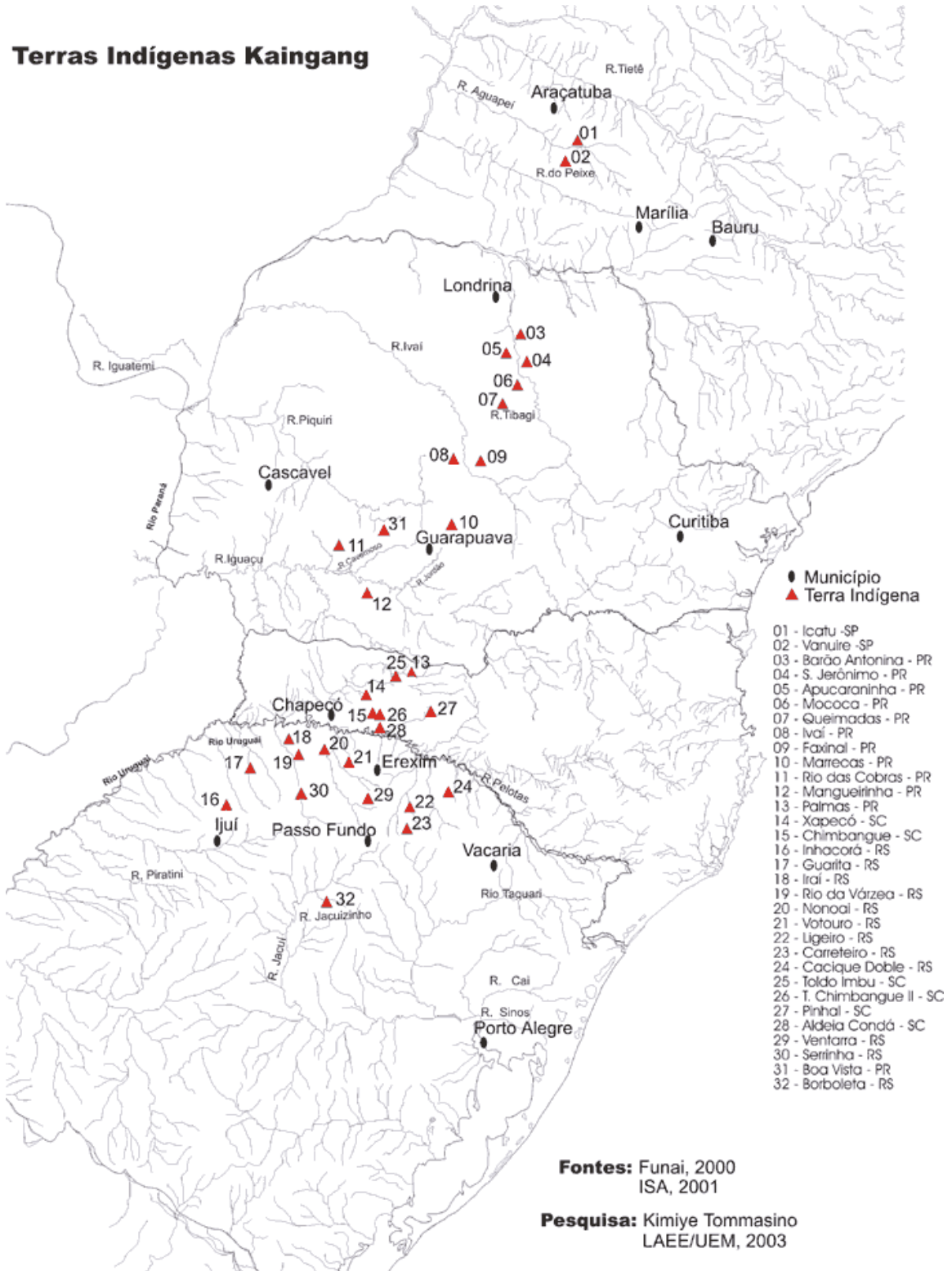
*Palmeira, Pirai do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva,
São João do Triunfo, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.*



Rua Alberto Nepomuceno, 17 - Jardim Carvalho

Fone: 42 225.1398

Anexo D: Localização de Terras Kaingang



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)